

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

Jéssica Pereira de Miranda

FOTOJORNALISMO EM TRANSIÇÃO:

Um estudo sobre o impacto do jornalismo colaborativo nas redações de Juiz de Fora

Juiz de Fora

Julho de 2015

Jéssica Pereira de Miranda

FOTOJORNALISMO EM TRANSIÇÃO:

Um estudo sobre o impacto do jornalismo colaborativo nas redações de Juiz de Fora

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social, Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel.

Orientadora: Profa. Dra. Telma Sueli Pinto Johnson (FACOM/UFJF)

Juiz de Fora
Julho de 2015

Jéssica Pereira de Miranda

FOTOJORNALISMO EM TRANSIÇÃO:

Um estudo sobre o impacto do jornalismo colaborativo nas redações de Juiz de Fora

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel.

Aprovado (a) pela banca composta pelos seguintes membros:

Prof. Dra. Telma Sueli Pinto Johnson (FACOM/UFJF) - orientadora

Prof. Dr. Carlos Pernisa Júnior (FACOM/UFJF) – convidado

Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal (FACOM/UFJF) - convidado

Conceito Obtido: _____.

Juiz de Fora, ____ de _____ de 20____.

Agradeço a Deus pela força incondicional de me trazer até aqui e pelas oportunidades oferecidas em minha vida pessoal e profissional.

AGRADECIMENTOS

A toda minha família por acreditar na minha capacidade.

Ao meu amor, a eterna gratidão pela paciência e apoio de vivenciar esse momento ao meu lado. Obrigada por ser o meu porto seguro.

À Nina, Bryan e Rayka por ser fonte da minha alegria.

A todos os meus amigos pela compreensão e incentivo, em especial aos meus amigos da “Patota” por terem sido os melhores companheiros de faculdade, e pela lealdade que firmamos em nossa eterna família.

Aos amigos do Diário Regional pela união, afago e por dividir grandes fatos nas rotinas diárias.

À editora Jaqueline Dias pela cumplicidade e por me moldar em uma profissional de qualidade.

Ao amigo Fernando Priamo por me fazer gostar cada vez mais da arte de fotografar.

A equipe do Jornal Tribuna de Minas pelo apoio e incentivo nesta pesquisa.

À minha orientadora Telma pelo respeito, carinho e incentivo para que fosse possível chegar a esta conclusão de monografia.

“Fotografar é encontrar o momento decisivo, é colocar na mesma linha de mira a cabeça, o olho e o coração”.

(CARTIER- Bresson).

RESUMO

O presente trabalho examina a influência do “jornalismo colaborativo” em dois jornais impressos de Juiz de Fora, o Tribuna de Minas e o Diário Regional. O objetivo central foi investigar práticas de recepção, seleção e publicação de imagens produzidas e enviadas por cidadãos comuns para as redações locais. A partir de conceitos e noções de fotojornalismo, jornalismo colaborativo e ética jornalística, construiu-se uma pesquisa empírica baseada na análise de conteúdo híbrida, com coleta de dados quantitativos e qualitativos, para apreender e compreender reconfigurações nas rotinas produtivas dos dois veículos de comunicação diante da crescente participação cidadã facilitada pela adoção de dispositivos móveis. Um dos principais achados da pesquisa é que os jornais apresentam consideráveis diferenças quanto aos critérios de apropriação das imagens de terceiros, tanto em função de questões estruturais e econômicas quanto relativas às suas linhas editoriais.

Palavras-chave: Comunicação. Fotojornalismo. Jornalismo colaborativo. Tecnologia. Ética.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Aparelhos analógicos passam a ser substituídos por câmeras digitais.....	20
Figura 2: Trajetória da evolução das câmeras fotográficas (1814-2009)	24
Figura 3: Resultado das alterações da fotografia de Brian Walski.....	33
Figura 4: Família em choque no momento em que reencontrou filho sem vida	37
Figura 5: Foto tirada pelo celular de uma vítima que estava dentro do túnel do metrô	45
Figura 6: Comparação das imagens produzidas por equipamentos profissionais e por celulares de testemunhas de um acidente	46
Figura 7: Espaço no site onde o jornalismo participativo é abordado, e agrupa a comunicação do jornal com o leitor	56
Figura 8: Arquivo pessoal sendo utilizado como imagem de capa	57
Figura 9: Imagem foi capturada em entrevista coletiva do jogador Zico em visita a Juiz de Fora em maio/2015.....	58
Figura 10: Site jornal Diário Regional	61
Figura 11: Manchete Diário Regional do dia 3 de março	68
Figura 12: Manchete Tribuna de Minas do dia 3 de março.....	70
Figura 13: Manchete Tribuna de Minas dia 10 de março.....	73
Figura 14: Manchete Diário Regional do dia 13 de março	75
Figura 15: Manchete Diário Regional do dia 17 de março	77
Figura 16: Manchete Tribuna de Minas do dia 17 de março.....	78

LISTA DE TABELAS

Quadro 1: Evolução nas redações brasileiras de 1900 a 1980.....	31
Quadro 2: Regras dos fotojornalistas.....	39
Tabela 1: Aumento de usuários com acesso à internet no Brasil até 2013.....	47
Quadro 3: Resultados vendas Trimestrais: 2014-2015.....	49
Tabela 2: Linha editorial mais usada nas edições de março/2015 do Diário Regional.	63
Tabela 3: Linha editorial mais usada nas edições de março/2015 da Tribuna de Minas.	64
Tabela 4: Comparação de imagens utilizadas em parceria com o jornalismo colaborativo e assessorias de imprensa.	665
Quadro 4: Indicação das fontes das 10 imagens.....	66

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A DIFUSÃO DA LINGUAGEM NA COMUNICAÇÃO	12
2.1 OS CONCEITOS DE LINGUAGEM	13
2.2 VISÕES DA LINGUAGEM FOTOGRÁFICA	15
2.3 A MENSAGEM FOTOGRÁFICA COMO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO	16
2.4 CONSTRUÇÃO E TRANSIÇÃO DA HISTÓRIA FOTOGRÁFICA	18
2.5 A TRANSIÇÃO DA PRATA AO PIXEL	20
3 O FOTOJORNALISMO	25
3.1 A FOTOGRAFIA NA IMPRENSA	28
3.2 O CONFRONTO DIGITAL.....	31
3.3 DILEMAS ÉTICOS CONTEMPORÂNEOS	34
3.4 ÉTICA X JORNALISMO COLABORATIVO.....	39
3.5 O CELULAR COMO FERRAMENTA DE COMUNICAÇÃO	43
3.6 ESTRUTURA JORNALÍSTICA	49
4 PERCURSO METODOLÓGICO	52
4.1 A TRIBUNA DE MINAS	54
4.2 O DIÁRIO REGIONAL.....	59
4.3 PRINCIPAIS ACHADOS	61
4.4 INTERPRETAÇÕES DOS EXEMPLARES IMPRESSOS	66
4.4.1 SEMANA 1: 1º A 7 DE MARÇO	67
4.4.2 SEMANA 2: 8 A 14 DE MARÇO	72
4.4.3 SEMANA 3: 14 A 22 DE MARÇO	76
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS	85

1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo analisar as rotinas estruturais e econômicas dos jornais impressos de Juiz de Fora – *Tribuna de Minas e Diário Regional* – e como a “cultura da participação” vem sendo utilizada, atestando uma lacuna de investimentos em equipes de profissionais habilitados. O trabalho se desenvolve no contexto das novas tecnologias da comunicação e, particularmente, no crescimento acelerado do uso de dispositivos móveis, especialmente a popularização dos smartphones no Brasil.

Há uma modificação estrutural em curso nos padrões do fotojornalismo, em função do chamado “jornalismo colaborativo” em que qualquer cidadão comum pode registrar um fato, evento ou acontecimento e compartilhar sua produção pelas redes sociais ou enviar para as redações jornalísticas como sugestão de disponibilização.

Neste trabalho, realiza-se uma revisão da literatura sobre o conceito de fotografia como forma de comunicação, as transições ocorridas em função dos desenvolvimentos tecnológicos ao longo dos tempos, a emergência do fotojornalismo e as implicações da adoção das tecnologias móveis digitais em reportagens de campo para, então, discutir modalidades de participação cidadã nas rotinas das redações jornalísticas.

Um dos questionamentos feitos por este estudo, no Capítulo 1, é como o jornalismo tradicional vem lidando com a realidade móvel digital em combinação com a convergência jornalística, mobilidade e ética. Nos tempos digitais atuais, o “fazer” jornalístico está também às mãos dos cidadãos que, com ferramentas para produção e distribuição de conteúdo, engajam-se em práticas colaborativas de elaboração e compartilhamento de informações.

Nesta perspectiva, fez-se uma pesquisa comparativa das imagens empregadas nas capas dos dois jornais impressos de Juiz de Fora, no período de 1º de março a 22 de março de 2015, contabilizando os dias de publicação em comum de ambas as edições, totalizando um corpus de 32 capas. As mesmas foram escolhidas de forma aleatória, com base na importância das seleções de imagens centrais de cada exemplar, sendo elas, as expostas em todas as bancas de jornal e responsáveis por atrair os leitores.

A análise qualitativa consistiu na identificação de aspectos correlacionais entre a representação das imagens publicadas, tais como cor, foco, angulação, tamanho, resolução, manipulação, autoria, entre outros. Também foram consideradas características como as diagramações das páginas, fontes, layout, linguagem e linha editorial.

Um conjunto de gráficos será apresentado para mostrar o grau de participação do jornalismo cidadão no *Tribuna de Minas* e no *Diário Regional*, bem como quais as temáticas mais usadas por cada edição. Nesse contexto, responde-se a uma das questões da pesquisa que é até que ponto as reconfigurações no fotojornalismo e as novas tecnologias aliadas ao jornalismo colaborativo impactam e transformam o fazer jornalístico nas redações locais.

No Capítulo 2, começaremos a explicar as difusões das linguagens na comunicação e como a mensagem fotográfica é estruturada. Será traçada a história da fotografia, as transições das imagens analógicas para as digitais e, mais à frente, coloca-se em contraponto as imagens produzidas por celulares. O apontamento principal se refere às transformações ocorridas na fotografia até a chegada dos smartphones.

Porém, para compreender tais mudanças, o Capítulo 3 tratará da profissão fotojornalística fazendo uma relação com as técnicas digitais de manipulação de imagens, abrindo a discussão se essa “parceria” não afeta a ética profissional. Nesse capítulo, ainda, será abordada a questão da popularização dos smartphones, assim como o fácil acesso à Internet. Com a conectividade ubíqua facilitada, os espaços de participação social se multiplicaram e novas dinâmicas comunicativas foram potencializadas em diversas áreas. A questão é: como as redações estão lidando com a colaboração de cidadãos sem formação ou registro profissional de jornalistas?

Nesse sentido, discute-se o “jornalismo colaborativo” à luz do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ). Para os propósitos deste trabalho, o termo jornalismo colaborativo é considerado como sinônimo de jornalismo cidadão, jornalismo amador, jornalismo democrático ou, ainda, jornalismo de rua. No cerne está a noção básica de que é feito por cidadãos comuns, sem vínculo profissional com o jornalismo, que participam de forma ativa no processo de coleta e disseminação de notícias e informações.

No Capítulo 4, descrevemos sobre a metodologia empregada nesta pesquisa e as técnicas quantitativa e qualitativa empregadas para responder à pergunta central da investigação “Quais os procedimentos de uso do material imagético produzido por cidadãos comuns chegam e são utilizadas pelas redações impressas?” e as questões derivadas.

Por fim, no Capítulo 5, serão respondidos tais questionamentos analisando os resultados da pesquisa e sua contribuição para os estudos do campo da comunicação e, particularmente, para o fotojornalismo.

2 A DIFUSÃO DA LINGUAGEM NA COMUNICAÇÃO

A comunicação é um processo de transformação das informações para a compreensão humana. Tal processo se dá de modo oral (verbal), escrito, e visual (imagens, fotografias, gráficos). O ato de comunicar se constrói em um sistema de signos específico, histórico e social, que permite ao homem constituir o mundo e a sociedade por meio da linguagem.

A linguagem representa um papel fundamental na interação do ser humano com o meio e com a formação de vínculos. Permite ao indivíduo estruturar o seu pensamento, traduzir o que sente, expressar o que já conhece e se comunicar com os demais, reproduzindo novas informações com o mundo e outras novas maneiras de comunicar.

A língua¹ e a linguagem² não podem ser classificadas com o mesmo significado, pois a linguagem, como explicado acima, serve para representar conceitos, ideias, sentimentos, significados, pensamentos. Já a língua é o conjunto de palavras e expressões usado para a comunicação entre as pessoas. A língua tem regras próprias organizadas como o alfabeto e a gramática.

Para Martelotta (2008, p. 116), a língua é um sistema essencial como meio de comunicação. “A língua é um sistema supraindividual utilizado como meio de comunicação entre os membros de uma comunidade, portanto a língua corresponde à parte essencial da linguagem e o indivíduo, sozinho, não pode criar nem modificar a língua”.

De acordo com Geraldi (1984, p. 3), a língua tem como importância solidificar o conhecimento e transmitir informações aos seus ouvintes, possibilitando aos membros da sociedade o interesse e o despertar de diversas ações.

Seguindo a mesma linha de pensamento de Geraldi (1984), Chauí (2002, p. 140) afirma que uma vez constituída uma língua, ela se torna uma estrutura ou um sistema dotado de necessidade interna, passando a funcionar como se fosse algo natural, entre sujeitos falantes que a empregam.

A linguagem é algo essencial para a vida humana e pode ser construída por meio de quatro formas, pondera Chauí (2002, p. 12):

¹ A linguagem é a capacidade que os seres humanos têm para produzir, desenvolver e compreender a língua e outras manifestações. (SAUSSURE, 1970, p. 79).

² A língua é um conjunto organizado de elementos (sons e gestos) que possibilitam a comunicação. (SAUSSURE, 1970, p. 79).

[...] Somos também seres que agem no mundo, que se relacionam com os outros seres humanos, com os animais, as plantas, as coisas, os fatos e acontecimentos, e exprimimos essas relações tanto por meio da linguagem quanto por meio de gestos e ações. A linguagem por imitação de sons, linguagem por imitações de gestos, linguagem por necessidades em dialogar em grupos, e linguagem por emoções.

Nessa perspectiva, Bakhtin (1992a) reflete que a linguagem, seja ela oral, escrita ou visual tem como pressuposto único produzir um sistema capaz de expressar as interações humanas, e só é possível sua composição por meio da comunicação entre as pessoas, vista como base fundamental para a produção de qualquer tipo de entendimento.

Conforme a visão de Bakhtin (1992a, p. 153): “É na interação verbal, estabelecida pela língua com o sujeito falante e com os textos anteriores e posteriores, que a palavra (signo social e ideológico) torna-se real e ganha diferentes sentidos conforme o contexto”.

De acordo com tais reflexões, a linguagem está interligada aos interesses humanos, a relação entre cultura, e a necessidade da comunicação, seja por gestos, sons ou imagens. “É possível identificar a linguagem como o fim e a língua como o meio para se comunicar”, (SAUSSURE, 1970, p. 81).

2.1 OS CONCEITOS DE LINGUAGEM

A linguagem é capaz de informar, auxiliando os homens a tornarem-se seres sociáveis dentro do meio social no qual estão inseridos. A primeira concepção de linguagem para Bakhtin (1992b) funciona como forma de expressão do pensamento, que consiste na ideia de que a linguagem era considerada como uma tradução do pensamento, e partia de uma gramática normativa estática, onde o conceito do “certo e errado” era imprescindível para a distinção do ser falante.

O segundo entendimento é sobre a linguagem como instrumento de comunicação, pelo qual a língua é vista como um código que transmite uma mensagem, tomando forma fora de nossos pensamentos. A terceira concepção, de acordo com Bakhtin (1992b), expõe a linguagem como forma de interação, que produz diversos caminhos para a interpretação. Para ele, a consciência, então, é engendrada pelas relações que os homens estabelecem entre si no meio social por meio da mediação da linguagem. Passa-se a exercer uma reflexão sobre a língua, pela qual o indivíduo adquire uma independência intelectual, e passa a ter várias compreensões daquilo que lhe é apresentado, atribuindo valores e significados de acordo com sua própria visão de mundo.

Seguindo o mesmo pensamento, Garcez (1998, p. 24), a partir de sua leitura de Bakhtin, analisa a linguagem como método de ação, pelo qual o produto se modifica no tempo e que sofre influências profundas de acordo com o contexto social. As noções de competência de adequação se desenvolvem juntas e dependem da experiência social, necessidades e motivações que alimentam a aquisição da língua e promovem a adequação dela às diferentes situações, o que reafirma a relevância da interação para a linguagem e para a sobrevivência e comunicação do homem dentro da sociedade.

A linguagem deve ser considerada como um conjunto de variedades que são utilizadas de acordo com a experiência que o falante tem a respeito da língua e de acordo com seus propósitos e necessidades, de onde também surge a noção de competência. Ou seja, a linguagem é “a habilidade de um falante para construir novas sentenças apropriadas à situação” (GARCEZ, 1998, p. 47).

Todas as linguagens verbais e não verbais compartilham uma leitura importante, por meio dos sistemas de signos que se utilizam para que haja a comunicação. Os signos são a estrutura capaz de aperfeiçoar a maneira de comunicar, conforme explicação de Saussure (1970). Ele analisa que, ao pensarmos na linguagem verbal, tendo a língua como código, os signos linguísticos são, então, os responsáveis pela representação das ideias, sendo esses signos as próprias palavras que, por meio da fala ou da escrita, associamos a determinadas ideias.

O signo (linguístico) une não uma coisa e um nome, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta última não é o som material, coisa puramente física, mas a marca psíquica desse som, a representação que dela nos dá o testemunho dos nossos sentidos; ela é sensorial, e se nos acontece chamar-lhe “material”, é apenas neste sentido e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstracto (SAUSSURE, 1970, p. 81).

A linguística é uma parte da ciência que estuda os signos, as línguas naturais que são as formas de comunicação mais aperfeiçoadas e mais utilizadas. Saussure (1970) nomeou de semiologia e Pierce (1993) a chamou de Semiótica. As línguas possuem propriedades flexivas e adaptativas no qual se podem expressar vários conteúdos como emoções, sentimentos, ordens e perguntas, afirmações como também falar do presente, passado e futuro.

Segundo Bordenave (2003), a transmissão de informações de uma geração para outra por meio da linguagem, é conhecida como cultura. A transmissão de informações de um ser para outro por meio da linguagem chama-se comunicação. “Comunicação é o modo por meio do qual as pessoas compartilham experiências, ideias e sentimentos. Ao se relacionarem,

como seres interdependentes, influenciam-se mutuamente e, juntas, modificam a realidade onde estão inseridas” (BORDENAVE, 2003, p. 115).

2.2 VISÕES DA LINGUAGEM FOTOGRÁFICA

Cada fotógrafo carrega em si sua visão de como retratar as cenas no cotidiano. A partir desse olhar, é possível identificar que tipo de fato pode estar sendo capturado, por meio da percepção desse profissional. Os registros trazem uma abordagem sobre qualquer tipo de tema, o define e o expressa.

O professor Enio Leite (1975), da Focus – Escola de Fotografia & Tecnologia Digital –, observa que a fotografia, antes de tudo, é uma linguagem, que contém códigos verbais e visuais como instrumento de comunicação. “Toda linguagem nada mais é do que um suporte, um meio, uma base que sustenta aquilo que realmente deve ser dito: a mensagem”.

O termo fotografia vem da palavra grega *photos*. A fotografia, enquanto definição, já é descrita pelo filósofo Platão no livro *O Mito da Caverna*, no século IV A.C., onde discute sobre teoria do conhecimento e a linguagem. A narrativa expressa a imagem de prisioneiros que, desde o nascimento, são acorrentados no interior de uma caverna de modo que olhem somente para uma parede iluminada por uma fogueira, e observem as imagens serem projetadas em uma parede. A alegoria da caverna é um modo de contar imagetivamente o que conceitualmente os homens teriam dificuldade para entenderem sobre a representação das imagens.

Kossoy (2014, p. 271) define que a fotografia se constitui em uma representação dos fatos reais e constrói um utensílio coligado à arte da comunicação.

Por meio dos pictogramas e ideogramas transmitiam-se conceitos e representavam-se objetos; imagens visuais (desenhos) precederam, pois, a escrita como forma de comunicação. As imagens afetam o homem comum de alguma maneira, seja tomando-as como objeto de culto pessoal, seja recebendo suas informações como representações autênticas, verdadeiras, de fatos reais (KOSSOY, 2014, p. 271).

Na fotografia, a linguagem está relacionada às características, aos modos, pelos quais a imagem se forma. Para compor a linguagem fotográfica é necessário transpor um complexo processo técnico. Kobre (2011, p. 136) explica que “o alicerce técnico da realização da fotografia determina os elementos da linguagem”. Segundo o autor, o estudo da linguagem decorre da necessidade de "dizer" alguma coisa perante a imagem e é proveniente de um processo de experimentação dos recursos colocados à disposição da fotografia pela técnica.

Para Newton e Piovan (2003) o fotógrafo, como os artistas, precisa estudar e conhecer cores, luz, composição e perspectiva para retratar o mundo de uma maneira exclusiva e, mesmo que seja várias vezes reproduzida, sua obra pode ser considerada arte. Entretanto, ela pode deixar de ser quando perdemos a essência criativa na produção da imagem, a qual é a forma final. “Fotografar não é apenas um ato mecânico de produzir uma imagem e, sim, uma linguagem visual que carrega em si características próprias da criação artística, assim como a pintura e a escultura” (NEWTON; PIOVAN, 2003, p. 170).

Nessa perspectiva, Flusser (2002, p. 3) observa que as imagens são mediações entre o homem e o mundo. Assim, a fotografia é utilizada como forma de registrar um fato acontecido ou momento importante da história de cada um. Para que a linguagem fotográfica possa se estabelecer, o autor argumenta que é necessário perpassar por estruturas dentro da comunicação, como o emissor, que utiliza a fotografia como forma de expressão, e o receptor, que utiliza a imagem produzida pela fotografia para ler e interpretar o fato, ou o acontecimento diante dos olhos.

Contudo, o autor chama a atenção para o fato que “o emissor fará uso de uma linguagem fotográfica para se exprimir, e o receptor fará uma leitura e uma interpretação da imagem produzida” (FLUSSER, 2002, p. 10).

A fotografia permite fixar no tempo as outras formas de comunicação e expressão de maneira impressa e em larga escala. Como linguagem, a fotografia se utiliza dos mesmos suportes impressos criados para a escrita.

2.3 A MENSAGEM FOTOGRÁFICA COMO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO

A fotografia, como toda manifestação comunicacional, tem uma linguagem própria. Enquanto comunicação visual, artística ou informativa, ela pode ser considerada como uma obra aberta, passível de múltiplas interpretações. Barthes (1984) cria pontes de significado com elementos específicos da fotografia a partir de suas experiências subjetivas, possibilitando leituras que vão além da percepção do contexto social em que foi tirada a fotografia, evocando camadas mais profundas da memória.

No texto *A Mensagem Fotográfica* (BARTHES, 2002), o autor analisa as características da fotografia de imprensa, e procura desvendar a trama semiótica dos elementos dissecando a informação contida numa fotografia. Ele ressalta que a fotografia de imprensa é uma mensagem repleta de sentidos, signos e significados. Para que essa

informação possa chegar ao leitor, é necessário passar por meio de um canal, onde o emissor transmite ao receptor, por um código comum, uma mensagem, que se reporta a um contexto informativo.

O meio receptor é o público que lê o jornal. E o canal de transmissão é o próprio jornal, ou, mais exatamente, um complexo de mensagens concorrentes, de que a foto é o centro, mas de que os contornos são constituídos pelo texto, título, legenda, paginação, e, de maneira mais abstrata, mas não menos informante, pelo próprio nome do jornal, pois este nome constitui um saber que pode fazer infligir fortemente à leitura da mensagem propriamente dita (BARTHES, 2002, p. 303).

Barthes (2002) aponta para o paralelo entre duas mensagens: uma aparentemente sem código e outra com código, a “escritura” ou a “retórica” da fotografia. A mensagem fotográfica sem código seria uma mensagem denotada, uma representação do real que a fotografia pretende copiar, portanto apresentando seu poder de credibilidade.

O autor pondera em seus estudos um método a ser concretizado na formação das imagens. Inicialmente, parte de um modelo simples e notório nos estudos sobre linguagem: como em toda mensagem, a fotográfica se compõe em três partes: emissão, canal e meio receptor.

A emissão e o receptor impõem abordagem de procedência sociológica, desta, porém, escapa o foco do fenômeno, a decifração do canal. Assim acontece porque este, no caso presente, a mensagem fotográfica, constituindo sistema próprio, é uma forma de discurso anterior à análise sociológica, não suscetível de ser por ela imediatamente apreendido, embora seja passível de interpretação também sociológica.

Barthes (2002) destaca que os códigos de conotação seriam de caráter histórico, o que para ele é sinônimo de cultural, e que o processo de leitura de uma fotografia seria similar ao de uma língua verdadeira, à qual só teríamos acesso se dominássemos os seus signos. Assim, ele destaca três tipos de conotação: a perceptiva, mais imediata, que seria impossível sem uma categorização anterior e de certa forma interior, para a qual o leitor se valeria das categorias da língua; a cognitiva, ligada à bagagem cultural e à experiência pessoal do leitor; e a ideológica ou ética, que seria responsável pela introdução na imagem entre razões ou valores.

Conforme o autor, a imagem fotográfica precisaria estabelecer uma ponte entre uma imagem vivida de uma situação social que tem uma história própria, e, portanto, uma conotatividade própria (na medida em que é articulada por um sistema singular de signos), e a porção representada na cópia fotográfica que “denotaria” uma realidade social carregada de significados.

Essa superposição de códigos nos faz pensar sobre os cuidados necessários com que se deveria proceder a uma leitura mais sistemática desses inúmeros significados. No entanto, para Barthes a fotografia deve ser indagada como domínio de sistemas. Dentro disto, verifica-se que o sistema fotográfico é caracterizado por ser uma mensagem sem código, traduzindo a pura transcrição do real.

Na visão de Barthes (1984, p. 13), “o que a fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente”. A fotografia não existe simplesmente com a função de imitar a realidade, mas sim de prolongar aquilo que existiu um dia. Assim, a fotografia funciona como uma memória social que é capaz de eternizar pessoas, locais, momentos que provavelmente não se repetirão.

Nessa perspectiva, a fotografia exprime os acontecimentos de maneira clara, e que situe a sua mensagem dentro de um espaço e de uma época. É necessário a cada repórter-fotográfico indicar o olhar para cada cena retratada, pois, é por meio da sua percepção que a informação chega aos leitores. O papel desse profissional é o que difere na situação, qual o descompasso, e qual a informação principal deve ser registrada para que seja construída essa mensagem.

2.4 CONSTRUÇÃO E TRANSIÇÃO DA HISTÓRIA FOTOGRÁFICA

Quando os primeiros impressos começaram a circular no Brasil, não havia o conceito de jornal diário como produzido atualmente. Por causa de limitações de ordem tecnológica, muitas vezes eram produzidos semanalmente e quinzenalmente. O desenvolvimento das cidades no século XIX, assim como a introdução do telégrafo e de novas técnicas de impressão, composição e reprodução de imagens foram alterando, ao longo do tempo, o processo de circulação de informações nos impressos. Atualmente é possível notar a circulação de impressos diariamente, assim como a mudanças nas estruturas técnicas e profissionais, como será abordado mais profundamente nesta pesquisa.

A utilização da fotografia como ilustração nos jornais surgiu com a intenção de trazer uma imagem com informação para que fosse possível fazer um registro que provasse realmente o que aconteceu: onde estivemos, com quem, e em qual período. Para Dubois (1993, p. 25), “a foto é percebida como uma espécie de prova, ao mesmo tempo necessária e suficiente, que atesta indubitavelmente a existência daquilo que mostra”.

Leite (1993) complementa o pensamento de Dubois (1993), afirmando: “Algumas pessoas não se lembram do que aconteceu, mas da imagem do que aconteceu” (LEITE, 1993, p. 18). É possível que, ao tentar recordar um fato da vida, o indivíduo lembre com clareza alguma fotografia daquele momento. Dessa forma, podemos dizer que a fotografia e a memória estão interligadas de forma única.

Guran (1986) aponta que um dos benefícios da fotografia é que, pela sua própria natureza, ela obriga uma percepção diferente daquela exigida por outros métodos; ela dá acesso a informações que, de outra maneira, seriam descritas de forma incompleta ou errônea.

A fotografia é apontada por Kossoy (2001) como contendo múltiplas faces e realidades. Uma delas, mais evidente, é o que literalmente está na imagem; as outras faces são os elementos ocultos que não podemos enxergar, pois, ficam subtendidos. É o que a foto representa: o despertar de sentimentos, desejos e emoções, ou seja, a imagem carrega significados e fragmentos de informação e os resume em uma fonte de informação que deve ser lida de forma diferenciada.

Borges (2003) descreve que a fotografia deixou a aristocracia e alta burguesia e começou a se popularizar em meados do século XIX, por meio de inovações técnicas que criaram condições para o desenvolvimento da fotografia comercial e industrial. A era digital e o desenvolvimento de tecnologias proporcionam não só uma nova identidade para a fotografia, mas também mudanças comportamentais em relação à fotografia e ao ato de fotografar.

Entre diversas mudanças alcançadas durante os anos, é possível perceber como álbuns impressos saíram de cena enquanto que imagens digitalizadas tomaram seu lugar. Esse aspecto, tradicional na maioria das famílias, está hoje em processo de extinção. Montar álbuns e ter as fotografias impressas tornaram práticas raras. Parte dessa mudança surgiu porque as fotos podem ser visualizadas e apagadas instantaneamente, e outros artifícios contribuíram e deram um ar ainda mais moderno: caso uma foto não seja do agrado, é possível fazer manipulações e modificações personalizadas, entre várias outras possibilidades de tratamento de imagem.

Atualmente é comum ver pessoas no dia a dia com máquinas de bolso, e aparelhos celulares com câmeras acopladas, registrando momentos avulsos, casos corriqueiros, acidentes, entre outros. Nesse sentido, foi explorado esse estudo para promover análises sobre imagens produzidas por tais pessoas, que posteriormente iremos referenciá-los como “jornalistas colaborativos”, e como essas fotografias vêm sendo usadas em jornais impressos de Juiz de Fora, confrontando o uso de profissionais fotográficos.

Preços acessíveis dos equipamentos, máquinas de fácil manuseio, programas de tratamento de imagens. Essas facilidades contribuíram para o crescimento do alcance da fotografia e da popularização da prática. É mais cômodo e menos custoso armazenar fotografias em um disco rígido e, em apenas dois cliques, recuperar os arquivos nas mais variadas telas. Também ficou mais fácil compartilhar as imagens, seja enviando as fotos para os conhecidos ou compartilhando em páginas públicas da Web, como os sites de rede de relacionamento.

O fotógrafo francês Cartier-Bresson (2012) afirma que, uma de suas preocupações, como fotógrafo, era a de capturar o momento em sua totalidade, para que não existisse nenhuma lacuna e que a foto reproduzisse verdadeiramente o significado completo da ação registrada. “A fotografia é o único recurso que fixa para sempre o instante preciso e transitório” (CARTIER, 2012, p. 121).

2.5 A TRANSIÇÃO DA PRATA AO PIXEL

A figura 1 ilustra a transição das câmeras fotográficas. No tripé e na mesa estão câmeras analógicas sendo fotografadas por um equipamento digital.



Figura 1: Aparelhos analógicos passam a ser substituídos por câmeras digitais
Fonte: Jéssica Pereira (Arquivo próprio)

Para poder entender a estrutura fotográfica, é necessário saber quando e porque a fotografia surgiu. A fotografia não pode ser atribuída a apenas um criador, pois consiste em um experimento coletivo, uma vez que diversas pessoas contribuíram para a sua criação e melhorias técnicas. Em 1839, em Paris, o inventor Louis Jacques Mandé Daguerre apresentou ao mundo seu novo experimento, que proporcionou registrar acontecimentos, momentos históricos e cenas cotidianas: o daguerreótipo, método para se gravar imagens sobre uma superfície.

A criação da pequena caixa de madeira por Daguerre conseguiu atingir a reprodução do real e o poder de eternizar todos os momentos dentro de uma imagem (PATRÍCIO, 2011).

Ao longo do tempo, inúmeras inovações foram somadas para que fosse possível desenvolver a fotografia como é conhecida hoje. Químicos e físicos foram os pioneiros nesta arte, já que os processos da revelação analógica e da fixação da fotografia são essencialmente físico-químicos, numa associação de iluminação e produtos químicos.

A grande revolução causada pela invenção da fotografia foi, na verdade, não o mecanismo/aparato de captação, que já era conhecido, mas sim a criação de um suporte químico sobre o qual a imagem projetada pudesse ser fixada sem precisar que o artista realizasse um desenho manual sobre o suporte (ANJOS, 2012, p. 2).

Os rumos da fotografia transcendem em descobertas que chegam desde os campos ópticos que remota da antiguidade às descobertas no campo da química, que se sucederam a partir do século XVII. O filósofo Aristóteles já observava por uma “câmara escura” a luz que entrava por um pequeno orifício, que projetava imagens invertidas na fase oposta.

Do daguerreótipo e outros processos similares de captura de imagem, a fotografia registrou um salto em 1888, com a criação da primeira câmera fotográfica comercial, inventada por George Eastman, a Kodak N° 1. Este segundo momento da fotografia, utilizando rolos de filmes fotográficos, permitiu a pessoas comuns o acesso ao registro de imagens e dominou a história da fotografia por mais de um século.

A criação da Kodak foi uma das maiores revoluções na fotografia, pois barateou o custo das câmeras, rolos de filme e revelação. É claro que, mesmo assim, essa técnica ainda era restrita e geralmente só os mais ricos possuíam a sua própria câmera, quem não tinha, precisava pagar um fotógrafo para registrar uma imagem de família. A Kodak trouxe a praticidade estampada em seu slogan, “Você aperta o botão, nós fazemos o resto”.

Com a Kodak, a fotografia se tornou “instantânea” e qualquer amador poderia tirar boas fotos. Com o slogan "You press the button, we do the rest" (“Você aperta o botão, nós fazemos o resto”), Eastman tentou fazer da fotografia algo popular, fácil, que não necessitava muita técnica. Seu argumento persuasivo era a possibilidade de uma história do dia a dia contada por imagens feitas pelos próprios protagonistas (BRUNET, 2001, p. 2).

Estes momentos da fotografia (daguerreótipo, fotografia de filme e fotografia instantânea) têm como base a câmara escura e a fotoquímica acontecendo devido à presença de sais de prata. Durante muitos anos gravar imagens teve estas características, até o lançamento da fotografia digital.

O surgimento da fotografia provocou uma ruptura nos conceitos tradicionais de representação, na medida em que a obtenção das imagens resulta da ação de uma máquina que se interpõe entre o objeto e o usuário. Ao contrário da pintura, que era diligentemente composta, durante horas e dias, sobre uma superfície vazia. A imagem fotográfica era obtida de uma só vez, numa fração de segundos (KOSSOY, 2014, p. 274).

O terceiro momento de grande importância na história da fotografia surgiu da necessidade técnica de se ver instantaneamente as imagens assim que eram fotografadas. A fotografia instantânea foi disseminada em 1948, pelo americano Edwin Land, e possibilitou visualizar as imagens tão logo eram produzidas, sem a necessidade de enviar o filme para o laboratório para revelação.

O atual momento da fotografia, que utiliza a tecnologia digital, vem ocupando grande espaço no cenário fotográfico, por demandarem equipamentos compactos, rápidos e automáticos, acabando de vez com os procedimentos analógicos, pois, os tratamentos químicos estão sendo descartados e dificilmente encontrados hoje em dia no mercado. Outro aspecto levantado entre as formas analógicas e digitais é que não há gastos relativos a filmes e revelação.

Nessa discussão, Preuss (2003) afirma que o funcionamento fotográfico foi transformado em sinais digitais e perdeu qualquer vínculo com o analógico.

Há quem diga que nenhuma câmara é totalmente digital, pois o funcionamento dos sensores continuaria sendo analógico, mas o fato é que, desde 1990, praticamente todas as novas câmeras ‘sem-filme’ passaram a transformar as imagens em sinais digitais e inauguram a área que conhecemos como fotografia digital (PREUSS, 2003, p. 40).

“A Fotografia capturada com a tecnologia digital se ‘imprime’ e não se revela”. Mendes (2002, p. 51) defende que o ato de congelar imagens utilizando tecnologia digital não

pode ser chamado de fotografia, pois fotografia significa “escrita com a luz”, e as câmeras digitais apenas captam sinais luminosos por meio de um sensor.

Contudo, apesar dessa era digital e a prática de participação popular na produção de imagens venham se popularizado, ainda divide opiniões éticas e profissionais.

A fotografia digital chega trazendo uma ideia nova de imagem e realidade, afirma o professor Leite (1975. ¶ 10):

A fotografia vai aos poucos perdendo seu poder de "cópia do real" para ser mais subjetiva, intimista, interpretativa, valorizando o discurso de seu próprio autor. A fotografia trouxe consigo a aura da veracidade e seu surgimento contribuiu diretamente para que todos os segmentos artísticos, literários e intelectuais passassem por uma profunda reflexão, evidenciando um dado importante que até aquele momento permanecera intacto: a concepção que o homem tinha de si próprio.

De acordo com Leite (1975), os sensores digitais ainda não atraem todos os fotógrafos. Estes alegam que, pelo fato de as câmeras serem na maioria das vezes automáticas, a pessoa que a manuseia não conseguirá aprender as técnicas para tirar uma boa foto e nem conhecerá termos essenciais dentro da fotografia, como diafragma, que é o responsável em ajustar a abertura de uma lente para controlar a quantidade de luz; o obturador, que calcula a velocidade necessária para garantir essa luz suficiente; e o ISO, que mede a sensibilidade do sensor que capta a luz da câmara fotográfica.

A tecnologia digital também colaborou para a profissão do fotojornalismo, pois os equipamentos digitais são capazes de fazer transferências de imagens instantaneamente para o computador, de modo que estas podem atualizar *websites* e portais jornalísticos em tempo real, sem a demora e os riscos dos meios de transporte convencionais ao enviarem uma imagem em papel fotográfico ou negativo.

A figura 2 apresenta um breve resumo histórico sobre o avanço das câmeras.

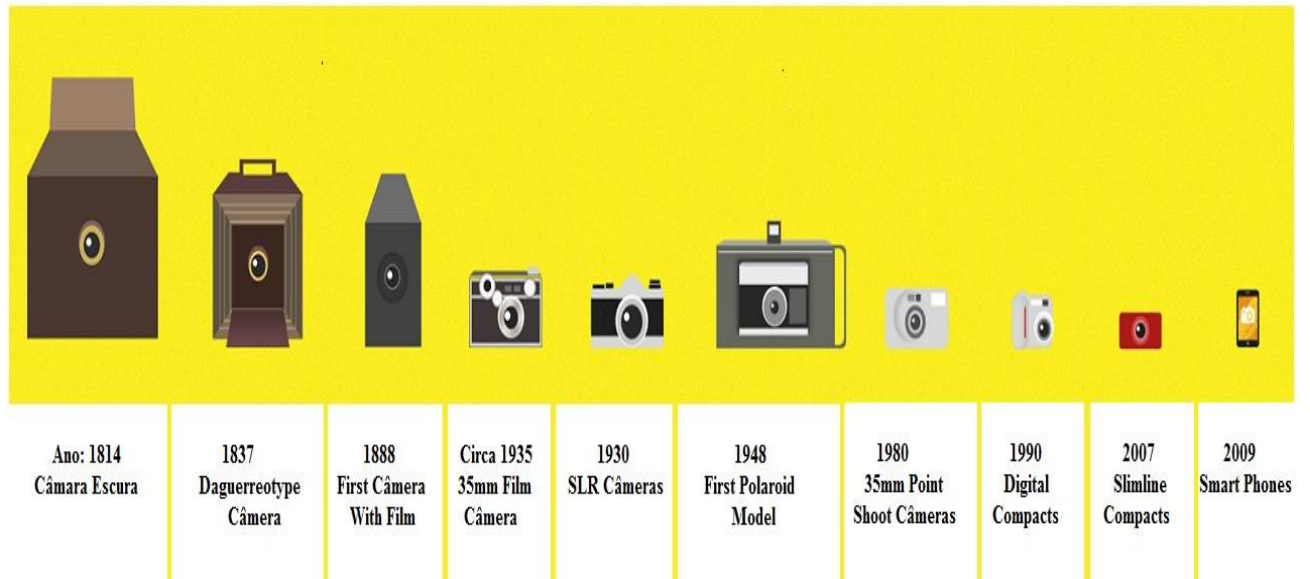


Figura 2: Trajetória da evolução das câmeras fotográficas (1814-2009)

Fonte: Reprodução do site Baboo < <http://www.baboo.com.br/tutorial/tutorial-multimedia/galeria-evolucao-das-cameras-fotograficas/>>

3 O FOTOJORNALISMO

Desde o lançamento da primeira câmera portátil, em 1888, o mundo das imagens passou não apenas a ter registros pelos livros e páginas de jornal, mas pelas capturas realizadas por qualquer pessoa que tivesse a oportunidade de adquirir uma câmera. Explicar o fotojornalismo é demonstrar a importância da junção de duas importantes estruturas da comunicação: o texto e a imagem.

Sousa (2004, p. 64) considera que “não existe fotojornalismo sem texto”. O fotojornalismo não significa apenas imagem, nem apenas texto, mas que a conjunção entre texto e imagem é capaz de traduzir muita informação diretamente ou indiretamente.

Imaginemos a fotografia de um instante qualquer, por exemplo, de um instante de guerra. Essa fotografia pode ser extraordinariamente expressiva e tecnicamente irrepreensível. Mas se não possuir um texto que a ancore, a imagem pode valer, por exemplo, como símbolo de qualquer guerra, mas não vale como indício da guerra em particular que representa (SOUSA, 2004, p. 65).

De acordo com Sousa (2004), a construção da imagem fotográfica não está diretamente ligada aos critérios de noticiabilidade que permeiam o fazer jornalístico dos meios impressos tradicionais, porque segue caminhos próprios e estéticos da fotografia, juntamente com o propósito de informar.

Entendemos por fotojornalismo a atividade que pode informar, contextualizar, oferecer conhecimento, formar, esclarecer ou marcar pontos de vista ("opinar") por meio da fotografia de acontecimentos e da cobertura de assuntos de interesse jornalístico. Este interesse pode variar de um para outro órgão de comunicação social e não tem necessariamente a ver com os critérios de noticiabilidade dominantes (SOUSA, 2004, p. 12).

O termo fotojornalismo designa tanto a função profissional realizada por profissionais da imprensa quanto os tipos de imagens que carregam uma mensagem informativa. Sendo assim, o fotojornalismo refere-se desde suas origens ao ato de informar por meio da imagem, onde o texto pode aparecer como complementação e/ou explicação, no sentido de dar contexto à mensagem transmitida por meio da fotografia.

O fotojornalismo pode, então, ser definido como a “atividade de realização de fotografias informativas, explicativas, interpretativas, documentais ou meramente ilustrativas para a imprensa ou para outras plataformas de difusão informativa” (SOUSA, 2004, p. 15).

Nesse sentido, o fotojornalismo é qualificado não só pela sua finalidade como também pelo uso que é dado às fotografias. É precisamente a forma como as imagens são

usadas que nos leva ao sentido estrito do fotojornalismo, uma vez que diferentes jornais, com as suas respectivas linhas editoriais e públicos específicos, moldam a narrativa visual de acordo com seus interesses: os do jornal e os dos seus leitores.

A imagem fotojornalista é a representação de histórias com imagens, aponta Kobre (2011, p. 232). “Em que uma fotorreportagem difere de uma coleção de fotos sobre um tema? Não se trata apenas de tema, mas sim de ajudar a corroborar uma notícia central”. Na visão teórica, o acontecimento factual que é o responsável pela notícia importante. Seguindo a mesma linha de pensamento, Lima (1989) considera que é por meio do fotojornalismo que a fotografia pode expor esses fatos corriqueiros informativos diante a perspectiva do profissional dentro de um fato.

A facilidade de manuseio dos equipamentos fotográficos foi um dos motivos responsáveis pelo desenvolvimento do fotojornalismo. As indústrias das câmeras fotográficas investiram em novas tecnologias que eram capazes de produzir equipamentos menores e mais ágeis, e as indústrias gráficas investiram em agilidade e impressão. Com todos esses aparatos evoluindo, assim se solidificou o surgimento da fotografia jornalística na imprensa.

A partir do desenvolvimento dos aparelhos compactos foi possível acompanhar diversos eventos, inclusive tragédias, e principalmente as guerras que ocorreram no início do século XX. O nascimento da atividade fotojornalística está, portanto, ligado à necessidade da representação da realidade. “Desde os primórdios da fotografia, as guerras foram campo fecundo para o exercício fotográfico. Como consequência, a estética do trabalho fotojornalístico de alguns fotógrafos passou a aproximar sua obra com a arte” (COUTINHO, 2010, p.11).

O fotojornalismo de guerra tinha além da função de informar, se utilizar de meios estéticos das imagens para atrair o leitor a comprar mais jornais. Com a promessa de informar sobre os conflitos, os jornais e as revistas abriram mão de desenhos e litografias, para utilizarem as fotografias, nesse caso, porque continham as reproduções dos acontecimentos dos campos de batalhas, visando apresentar imagens dos massacres e mortes.

A fotografia jornalística ganhou destaque devido à ideia de veracidade absoluta, apresentada pelo fotojornalismo. O surgimento desse tipo de imagens está atrelado à ideia da representação imagética da realidade de uma forma cada vez mais perfeita, a fotografia como o espelho do real. O fotojornalismo teve seu início na Alemanha.

Freund (1995) analisa que o surgimento da fotografia modificou a visão do jornalismo, e fez com que tomasse rumos globais.

Ela mudou a visão das massas porque até então, o homem apenas podia visualizar acontecimentos que se passavam perto dele, na sua rua, bairro. A fotografia ampliou esse rol de acontecimentos e abriu uma janela para o mundo. Os rostos de personagens políticas e públicas, os lugares onde os acontecimentos ocorrem no país ou em outros, tornam-se familiares, e este alargamento do olhar faz o mundo parecer menor (FREUND, 1995, p. 198).

É neste cenário favorável que o fotojornalismo iria encontrar sua idade de ouro, bem como sua fórmula moderna. De acordo com Freund (1995), os desenhos desaparecem cada vez mais dando lugar às fotografias que traziam atualidade, emoção e empolgação nos acontecimentos.

Sousa (2004) descreve que na década 1960, o fotojornalismo foi mudando sua forma principal de registrar e informar, assumindo um aspecto sensacionalista, que passou gradativamente a caracterizar o abandono da função social informativa para dar lugar à dramatização e a espetacularização da informação.

No fotojornalismo, esta mudança incrustou-se mais no privilégio à captura do acontecimento sensacional e na industrialização da atividade do que na reflexão sobre os temas, as novas tecnologias, as pessoas, os fotógrafos e os sujeitos representados (SOUSA, 2004, p. 24).

Outros fatores, para Sousa (2004), também foram cruciais para o aumento do estudo da fotografia, o que trouxe maior quantidade de livros sobre o assunto. Na década de 1980, os fotógrafos começaram a utilizar o computador para editar as imagens, reenquadrar, clarear, ou escurecer as fotos, tornando a imagem ficcional mais manipulada e estética. Para ele, essa nova fase é denominada terceira revolução do fotojornalismo, pois essas mudanças cada vez mais velozes fazem emergir relativamente à legitimidade do fotojornalismo.

As possibilidades da manipulação e geração computacional de imagens levantam problemas nunca antes colocados à atividade, no âmbito da sua relação com o real; assiste-se a uma industrialização crescente da produção rotineira de fotografia jornalística, centrada no imediato e não no desenvolvimento global dos assuntos; [...] exigência de flexibilidade e polivalência aos jornalistas em geral, o que retira a especificidade ao fotojornalismo (SOUSA, 2004, p. 27-28).

De acordo com Peixoto e José Júnior (2006), os desenvolvimentos dessas novas técnicas para captação e edição de imagens afetam e reconstróem aspectos da rotina do profissional de fotojornalismo. As transformações pela qual o fotojornalismo vem incidindo, como citado anteriormente, põem em voga hoje, dentro da ética fotojornalística, a questão da manipulação digital de imagens.

O fotojornalismo atual se constitui como um conjunto de práticas expandido, onde não só o estatuto da singularidade do fotógrafo como agregador de certo conjunto de competências é posto em questão, como o mesmo passa a ser não somente um fotógrafo, mas um analista e construtor de sistemas que integra as tecnologias fotográficas com as digitais, em um mundo que é totalmente binário no que diz respeito à produção, tratamento e circulação de imagens (SILVA, 2008, p. 3).

A manipulação de imagens não se restringe ao uso das tecnologias digitais explica Souza (2009). Desde o século XIX e posteriormente com os artistas vanguardistas do dadaísmo, cubismo e a Pop Arte, há o uso de sobreposição e fotomontagem a partir de negativos. Neste caso, podemos perceber que a modificação de imagens é mais enfática nos movimentos artísticos, que encontram nesse meio um modo de expressão, que foge das convenções fotográficas ligadas à ética, mas preocupados com uma determinada estética.

Atualmente, Souza (2009) observa que devemos considerar que a manipulação de imagens não ocorre apenas por meio de *softwares*, esse processo inicia-se a partir do recorte que o próprio fotógrafo faz da cena. O enquadramento, o ângulo e o objeto escolhido para retratar o fato podem alterar a realidade e a construção de sentido apregoada pelo leitor da imagem, uma vez que essa escolha está ligada a subjetividade do autor da fotografia, que se baseia em seus estudos, experiência com o fato, rotina e instinto.

A imagem fotográfica sempre correrá o risco de representar realidades manipuladas e mentirosas, já que desde o fotógrafo, passando por um editor fotográfico, no caso do fotojornalismo e fotodocumentarismo, até o observador podem ser influenciados pelo poder de transmissão do discurso ideológico inserido na imagem fotográfica. “A verdade é apenas um ponto de vista a respeito da realidade, varia de acordo com quem diz e quem ouve, quem mostra e quem enxerga. As mentiras, idem”. (SOUZA, 2009, p. 201)

A questão ética da profissão fotojornalística será mais detalhada no item subsequente deste trabalho.

3.1 A FOTOGRAFIA NA IMPRENSA

No final da década de 1830, quando a fotografia surgiu, os jornais impressos já existiam em grande quantidade, tanto na Europa como nas Américas, e publicavam desenhos para ilustrar suas páginas. Foram necessários mais de 30 anos para ser possível o aproveitamento de fotografias na imprensa.

O fotojornalismo é uma mensagem, afirma Barthes (1984). Como observamos anteriormente, a mensagem é estruturada por três partes fundamentais, sendo elas a fonte

emissora, o canal de transmissão e o meio receptor. A fonte transmissora, segundo o autor, seria o fotojornalista, ou a própria redação do meio informativo. O canal de transmissão é o meio pelo qual a fotografia chega ao público (jornal, revista, sites, entre outros.) e o meio receptor é o público leitor. Conforme o autor, além da própria imagem, há outros elementos componentes da mensagem que dão sentido à mesma, por exemplo, o título, a legenda.

A junção entre fotografia e jornalismo está diretamente ligada ao fenômeno das cópias da reprodução de textos e gravuras sem necessidade de reprodução por meio de desenhos ou de diferentes técnicas de impressão, ressalta Felz (2011). “A substituição das imagens gráficas (pinturas e gravuras) pelas imagens fotográficas foi um avanço maior na compreensão relativa à ilustração audiovisual”.

A partir dessa transição em relação à introdução das imagens fotográficas pelos jornais impressos século XIX, o novo cenário também reformula o modo de transmissão de uma série de códigos de forma que possa ser manipulada tanto diretamente, pelo próprio meio, ou indiretamente, por problemas de decodificação por parte do público receptor.

O uso da fotografia pela imprensa nos leva a pensar numa liberalização frente às outras artes gráfico-narrativas que, por sua vez exige o desenvolvimento de novas técnicas para a impressão de imagens em jornais e revistas, especialmente fotogravuras e gravuras baseadas em fotografias. Ainda que a fotografia esteja longe de ser uma informação perfeita, ela permitirá conceber percepções que são muito difíceis de serem estabelecidas apenas por meio da linguagem escrita (FELZ, 2011, p. 13).

A fotografia de imprensa passa a ter novos sentidos e qualidade em sua aceitação como meio visual, afirma Picado (2009):

[...] em nosso modo de entender as questões sobre os fundamentos da textualidade própria do fotojornalismo, seu sentido se revela muito mais na relação da imagem fixa com o tempo interno das ações do que propriamente na sua coligação factual, o que caracteriza mais fortemente o poder evocador da fotografia, portanto, o fato de que ela exprime, no nível de um instante único, um sentido de desdobramento que é próprio às ações das quais esse segmento foi arrestado: a fotografia representa uma ação completa, mas como que condensada na forma da pura iminência de sua consumação última (PICADO, 2009, p. 38).

O autor ainda ressalta que a fotografia aparece sempre cercada de palavras (manchetes, legendas, textos) que direcionam o seu significado e tentam resolver suas ambiguidades. Flusser assinala (2002, p. 35) que, quando nos referimos às imagens técnicas, aquelas produzidas por aparelhos, “o que vemos não é o mundo, mas determinados conceitos relativos ao mundo”.

Para Flusser, é preciso considerar não apenas as limitações do aparelho, mas a compreensão de que o manuseio da máquina é realizado pelo profissional fotojornalista, que interfere de forma direta e clara no processo de produção. “A redação jornalística incorpora o profissional responsável pela produção das imagens: o fotógrafo de imprensa ou dos repórteres fotográficos” (FLUSSER, 2002, p. 130).

As notícias sensacionalistas surgiram primeiramente nos Estados Unidos por volta de 1880, e depois adentraram na Europa no início da década seguinte. No Brasil, elas aparecem somente no início do século XX, e se constituíram na forma inicial da chamada imprensa de massa, onde a fotografia se tornará elemento cada vez mais primordial para o jornalismo.

De acordo com Andrade (2004), a fotografia passa a se difundir diariamente nos jornais no fim do século XIX para o XX. A fotografia digital aposentou a analógica no fotojornalismo, pois os recursos do digital suprimiram as necessidades dos jornais de hoje, que demandam cada vez mais velocidade, menor custo e maior qualidade. Várias etapas foram extintas, como a revelação, a montagem para escolha e edição das fotos, além do escaneamento, tudo isso demandava muito tempo. O digital já permite a edição imediata, a correção de cores, qualidade de reprodução, principalmente na mídia jornal, que exige menos resolução de imagem que a revista.

Mais do que nunca, exige-se que a fotografia seja informativa. Não pode ser apenas um elemento decorativo da página. Deve, na medida do possível, contar a história (com a ajuda da ancoragem verbal). A fotolegenda ganha destaque na maioria das capas dos jornais neste período, não basta ser bela, tem que mostrar a novidade (ANDRADE, 2004, p. 22).

Os jornais passaram a imprimir suas páginas principais totalmente a cores diariamente somente no final da década de 1980. O fotojornalismo naquela época, já trazia todo o aspecto visual compreendido, e com a responsabilidade de informar com o mesmo peso do texto verbal. “Uma fotografia é o reconhecimento simultâneo, numa fração de segundo, da significação de um fato e de uma organização rigorosa das formas percebidas visualmente que exprimem esse fato” (CARTIER-BRESSON, 2012, p. 74).

O conceito de Cartier se enquadra na noção de função jornalística da fotografia, nos moldes propostos por Bahia (1990, p. 127): “Apanhar em uma só imagem o essencial da cena é a finalidade principal. É como transmitir o acontecimento, como fazer a história por meio de fotos”.

A evolução do fotojornalismo nas redações brasileiras é definida por Bahia (1990, p. 133) em tópicos diretos até a década de 1980:

Quadro 1: Evolução nas redações brasileiras de 1900 a 1980

1900 a 1920	Mantêm-se a convencionalidade dos anos anteriores e que se exprime no registro formal de imagens, e no retratismo;
1920 a 1940	O flagrante se sobrepõe ao registro formal e quadrado de imagens. O retrato começa a se despedir do conteúdo informativo;
1940 a 1950	A ênfase do fotojornalismo contribui para associar a visão do cotidiano à prioridade do flagrante. O repórter-fotográfico se afirma, e a fotografia de imprensa se demarca definitivamente da fotografia comum;
1950 a 1960	Profissionalização. A fotografia acentua e consolida a tendência anterior para exprimir nos meios de comunicação a sua própria linguagem;
1960 a 1970	Adesão do mercado (fotojornalismo e publicidade) aos padrões criados pela profissionalização. A referência do jornalismo assegura à fotografia uma qualidade específica, que se desdobra em outros campos da expressão visual;
1970 a 1980	A influência da televisão. Reduz-se ao alcance que a fotografia havia adquirido nos anos anteriores.

Fonte: Bahia, 1990

3.2 O CONFRONTO DIGITAL

Na transição entre as décadas de 1980 e 1990, os aparelhos analógicos começaram a ser descartados pelas câmeras digitais. No entanto, a imagem digital é mais fácil de sofrer manipulações técnicas e estéticas do que as fotografias produzidas analogicamente, uma vez que a digital é simples na alteração dos códigos que sustentam as informações contidas na imagem que é feita por *softwares* de edição de imagens.

Esses debates foram levantados por vários autores. Sousa (2000, p. 212), por exemplo, questiona se as novas tecnologias vão destruir a crença de que “uma imagem fotográfica é um reflexo natural da realidade”. Para o autor, a problemática se levanta sobre as mudanças no fotojornalismo com as novas tecnologias digitais que começam a corromper a realidade dos fatos. Contudo, Sousa (2000) retorna e reconhece que a fotografia sempre foi

uma forma de manipulação visual do real, basta pensar que mexer nos controles de exposição, e focagem, por exemplo, já é um tipo de manipulação.

No sistema digital é mais fácil, por exemplo, alterar na imagem as cores do cabelo, da roupa, dos olhos, da pele, alterar penteados, apagar objetos ou palavras e material gráfico neles inscritas, colocar frente a frente pessoas que nunca se viram, inserir pessoas em ambientes diferentes, entre várias variáveis tecnológicas.

Diante de tantas manipulações existentes, a manipulação digital não deixa de ser uma operação atraente de ser explorada devido ao que se refere à “intervenção subjetiva” e na “construção de sentidos”, afirma Sousa (2000, p. 141). Nesses casos, para o pesquisador, deverá ser assumida perante o público esses efeitos, porque ferem os compromissos ético-deontológicos entre fotojornalistas e público, e devem ser refeitas novas regras de confiança já que com o advento dos computadores e das tecnologias digitais abrem oportunidades para mentir fotograficamente de diversas maneiras.

“Os problemas que para o fotojornalismo se levantam com as novas tecnologias estão relacionados, portanto, com a forma como a alteração eletrônica das imagens se tornou fácil e de difícil (virtualmente impossível) detecção” (SOUSA, 2000, p. 214).

Apesar de todas as facilidades oferecidas pela tecnologia digital, mesmo que alguns fotógrafos relutem ainda pelo uso da imagem analógica, ela está cada vez mais fora do mercado, pois, papéis e químicas reveladoras, assim como equipamentos que auxiliam na revelação não se encontram mais no comércio fotográfico.

Oliveira (2009) pondera que a imagem analógica teria mais conceitos éticos do que a fotografia digital, pois, as digitais são mais práticas de alterações por causa do avanço dos recursos da computação para alterar as informações das imagens, como explica:

A “velha guarda” vê problemas éticos na manipulação e tratamento das imagens, que aumentam as possibilidades de fraudes e de danos aos fotografados, ferindo o código de ética da categoria e colocando em risco uma credibilidade conquistada, principalmente, pelo fotojornalismo (OLIVEIRA, 2009, p. 4).

A fotografia digital possibilitou a manipulação e tratamento das imagens, e colocou em situação delicada a sua credibilidade jornalística. Se por um lado as facilidades oferecidas pela fotografia digital significavam agilidade e barateamento de custos, por outro trouxe dúvidas e incredibilidade.

Um dos momentos evidentes desta quebra com a credibilidade na história fotográfica digital aconteceu em 2003. Segundo nota assinada pelo jornalista José Colucci

Júnior, e publicada no *site Observatório da Imprensa*, a capa do jornal impresso Los Angeles Times do dia 31 de março de 2003 trazia uma foto de Brian Walski, que era fotógrafo do jornal desde 1998, mostrando um soldado britânico em meio a uma multidão de iraquianos durante a tomada de Zubayr (Iraque). Após dois dias, foi divulgada uma nota do editor do renomeado jornal direcionada ao público explicando que o fotógrafo fora demitido por violar a política do jornal de “não alterar o conteúdo de fotos jornalísticas”. A nota dizia que:

Alguém notou que alguns civis iraquianos aparecem mais de uma vez [...] e o jornal resolveu investigar. Walski, ainda no Iraque, declarou por telefone que tinha usado o computador para combinar elementos de duas fotos, tiradas em momentos diferentes e, assim, melhorar a composição. [...] os EUA, a Associação Nacional dos Repórteres Fotográficos (NPPA) estabeleceu que "alterar o conteúdo editorial de uma foto é quebra dos padrões éticos reconhecidos pela NPPA" (COLUCCI, Júnior 2003, ¶ 2).

Na figura 3 apresentam-se do lado esquerdo as imagens originais produzidas pelo fotógrafo, e ao lado direito a montagem que ele manipulou.

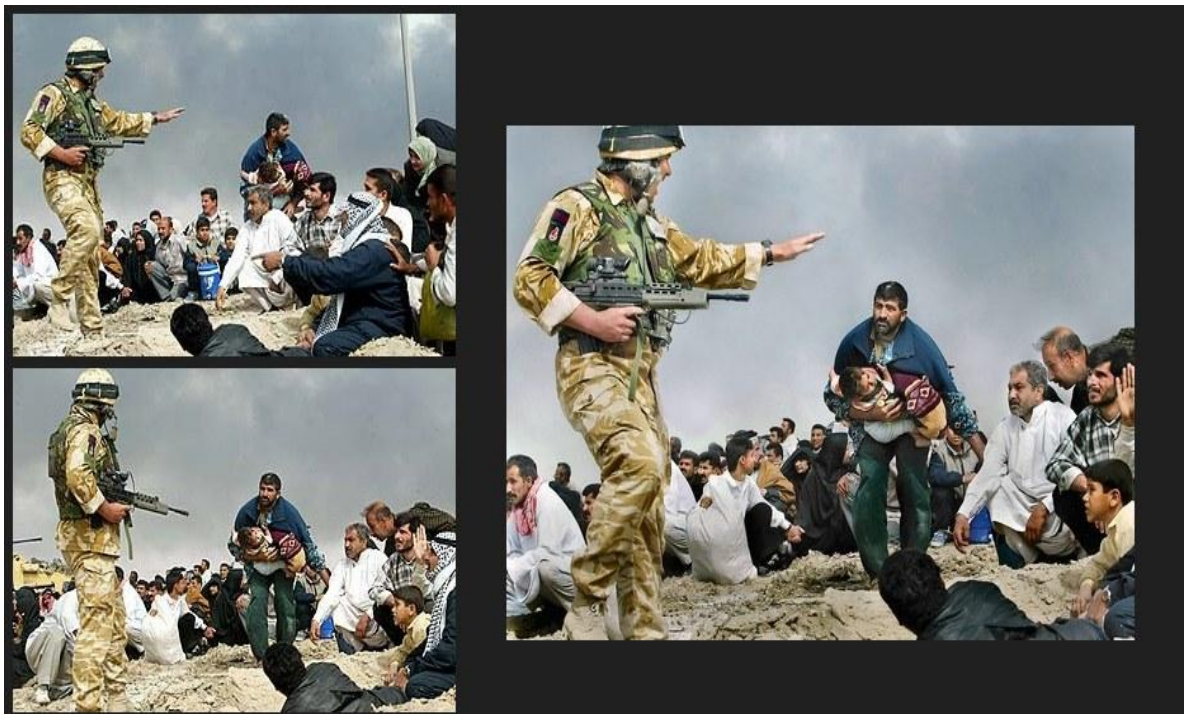


Figura 3: Resultado das alterações da fotografia de Brian Walski

Fonte: Reprodução do site Media Ethics and Society < <http://scrippsmediaethics.blogspot.com.br/2014/09/our-obligation-to-truth.html>>

O fotógrafo Brian Walski modificou as imagens a partir de duas originais. O fotógrafo usou o soldado da primeira imagem juntamente com os refugiados da segunda, e

criou uma terceira imagem, com cunho mais dramática. Depois que a adulteração foi descoberta Walski foi demitido.

No entanto, a questão não se baseia nas possibilidades oferecidas pela tecnologia, mas na capacidade e/ou disposição dos profissionais de manipular as fotos segundo interesses seus ou de suas empresas, que podem ter motivos considerados nobres (como esconder trechos mais chocantes numa foto de um acidente, por exemplo) ou não.

Por essa decisão não estar ligada à técnica, mas aos profissionais, o fato é que a credibilidade das fotos analógicas também pode ser colocada em dúvida quando consideradas as possibilidades de pré-edição e o fato de que “fotos não podem mentir, mas mentirosos podem fotografar” (BURKE, 2003, p. 30).

Sontag (2004) articula que quaisquer fotos que sejam analógicas ou digitais trazem em si marcas pessoais de seu autor:

Ao decidir qual deve ser o aspecto de uma foto, ao preferir uma exposição em detrimento da outra, fotógrafos estão sempre impondo padrões a seus objetos. No entanto, sejam quais forem às limitações (por meio do amadorismo) ou pretensões (por meio do talento artístico) do fotógrafo individual, qualquer fotografia, parece ter uma relação mais inocente, e, portanto, mais precisa, com a realidade visível que quaisquer outros objetos miméticos (SONTAG, 2004, p. 100).

De acordo com Sousa (2004, p. 18) a imprensa deve “usar a fotografia jornalística de uma forma socialmente responsável”, pois a força da imagem não tem fronteiras. A sua abrangência, universalidade, impacto, capacidade de ativar sentidos, de despertar emoções e de gerar sentimentos revelam o seu poder único.

3.3 DILEMAS ÉTICOS CONTEMPORÂNEOS

O fotojornalismo como profissão impõe uma série de responsabilidades. Algumas são bastante rotineiras e se encaixam perfeitamente na categoria “tarefas diárias”: chegar à cena, enquadrar, focar e registrar. Diante dessas tarefas funcionais residem considerações deontológicas, nas quais os profissionais confrontam questões éticas e, de acordo com Kobre (2011, p. 353), “são forçados a escolher entre como podem agir como cidadãos e como acham que deveriam agir como jornalistas visuais”.

Esse dilema entre a escolha pessoal e responsabilidade profissional está ligado à rotina diária onde enfrentam desafios que vão desde “eliminar um elemento que desvia a

atenção de uma fotografia até tirar uma foto repulsiva no local de um crime” (KOBRE, 2011, p. 354).

A ética dentro dessas ocasiões é uma estrutura da qual é possível guiar as decisões dentro de cada âmbito frequentado pelo profissional no cumprimento das pautas jornalísticas cotidianas. “A fotografia pode mostrar os horrores da guerra, a tragédia de um acidente ou as dificuldades da pobreza. Sem a fotografia de um jornalista, os leitores são privados do que poderiam ser importantes informações para tomada de decisões” (KOBRE, 2011, p. 354).

As imagens ajudam a formar opinião, estabelecer prioridades e fazer opções, por isso à ética é tão importante dentro do fazer jornalístico aponta Christofletti (2008, p. 11):

No jornalismo, a ética é mais que rótulo, que acessório. No exercício cotidiano da cobertura dos fatos que interessam à sociedade, a conduta ética se mistura com a própria qualidade técnica de produção do trabalho. Repórteres, redatores e editores precisam dominar equipamentos e linguagens, mas não devem se descolar de seus comprometimentos e valores.

Christofletti (2008) afirma que cada profissional deve mostrar sua conduta e trazer consigo as consequências de seus atos. Ele explica que, “cada um tem sua ética” e deve levar em conta que cada escolha trará consigo suas consequências e, por isso, cada decisão implicará suas responsabilidades. A partir disso, as escolhas também precisam ser norteadas por certos fatores, como a linha editorial seguida pela empresa, a imagem do perfil moral do público alvo, o ambiente de concorrência mercadológica, contexto social e histórico no qual o fato está inserido, entre outros.

O autor também intitula que “ética é uma coisa abstrata, pois pode não ser concreta, mas as consequências de uma decisão ética repercutem no plano material” (CHRISTOFLETTI, 2008, p. 19). A conduta na qual uma notícia é abordada pode gerar diversas repercussões e até prejuízos de ordem material e social. Embora a ética não seja algo palpável, as consequências de um julgamento moral podem ser sentido na pele e gerar danos.

Dando seguimento ao pensamento de Cristofletti (2008), Kobre (2011), considera que dentro do âmbito jornalístico não há lugar para ilusões e mentiras, pois, a credibilidade é o que atrai e fideliza os leitores. Uma vez o jornal que não segue uma linha editorial baseado na ética, a credibilidade fica abalada, e diante a esse cenário, perde leitores além de produzir um jornalismo errôneo.

De acordo com Christofletti (2008), a maneira como os valores morais devem se configurar na prática profissional, se reflete no desenvolvimento dos trabalhos, tais como: a

objetividade plena, a imparcialidade total, o glamour da carreira e o poder ilimitado da mídia. Diante disso, a participação jornalística como construção das informações e imagens da sociedade necessita destacar e fortalecer os vínculos entre a ética e a qualidade. “A ética jornalística não se aprende nas escolas de comunicação, mas é nesse ambiente que se deve despertar para o exercício ético da reflexão na prática. Sem credibilidade, nenhum veículo de comunicação se mantém” (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 28).

Kobré (2011) traz uma abordagem importante sobre a noticiabilidade de imagens de tragédias. Tirar e publicar uma foto de uma família perturbada de uma criança que morreu afogada pode fazer que outras pessoas sejam mais cautelosas e, assim, beneficiar a sociedade, mas por outro lado, invadir a privacidade do sofrimento de uma família é um questionamento ético dentro do direito de um indivíduo à privacidade.



Figura 4: Família em choque no momento em que reencontrou filho sem vida
Fonte: Kobre, 2011

De acordo com Kobre (2011) o jornalismo segue por uma norma classificada como “Regra de Ouro”: faça aos outros aquilo que você gostaria que fizessem a você. Contudo, o autor afirma que essa regra entra em conflito com a privacidade do indivíduo, pois esse tipo de imagem poderia beneficiar uma sociedade democrática em necessidade de

informação. Na imagem é possível observar o sofrimento da família ao se deparar com o menino morto, então, o autor questiona:

Se seguisse a Regra de Ouro, você não publicaria a foto, pois se sentiria mal com a divulgação de tal sofrimento. Mas, por outro lado, ainda é possível observar na Regra de Ouro se você colocasse no lugar de um pai aflito que queria que a morte do seu filho servisse de alerta para outros pais se atentarem? Um problema ligado a Regra de Ouro é que você realmente não sabe como a outra pessoa se sente, então impõe seus sentimentos aos outros em uma imagem jornalística (KOBRE, 2011, p. 356).

O jornalismo como um todo opera em grande parte adotando uma abordagem utilitarista para a tomada de decisões éticas, assim como as divulgações de informações na forma de imagens e palavras, afirma Kobre (2011, p. 356) que ainda conclui: “O jornalismo procura fazer o bem maior para o maior número de pessoas, sem fornecer uma receita de comportamento entre definições entre o certo e o errado para a profissão de fotógrafos e jornalistas”.

Para Christofolletti (2008) o jornalismo deve primar pela prática do caráter social voltado ao coletivo, demonstrando confiabilidade, sendo coerente e comprometido com a fidelidade e a veracidade dos fatos e versões. Para que haja tal ligação e confiança alguns aspectos devem ser bem explorados, tais como a natureza do meio que veicula a mensagem, o autor do fato, o contexto a qual está inserido e a linguagem utilizada.

Uma das principais decisões a serem tomadas é sobre a distribuição dessas informações, a propagação midiática, aponta Christofolletti (2008). Para que haja uma maior harmonização nos direcionamentos e decisões que são formados os códigos de ética, manuais e regras seguidos em cada profissão, e não é diferente para o comunicador. Os direcionamentos funcionam como sinalizadores, auxiliando o melhor posicionamento. “Joga melhor quem conhece as regras” (p. 77). Essas regras são formuladas com o intuito de nortear o profissional da comunicação no exercício de sua função inicial, de ser guiado pelo interesse público, agir de forma democrática na transmissão das notícias e de nenhuma forma interferir no andamento das notícias.

O código de ética da *National Press Photographers Association*, que reúne os maiores profissionais fotográficos do mundo, reconhece algumas regras com o principal objetivo de tornar as imagens uma representação real e fiel de cada pauta em questão. Este código visa promover a mais alta qualidade em todas as formas de fotojornalismo para reforçar a confiança pública na profissão. Também é apresentado que essas imagens sejam

usadas como ferramenta educativa, tanto para quem prática como para quem aprecia o fotojornalismo.

Fotojornalistas são aqueles que gerenciam produções de notícias visuais e, portanto, são responsáveis por sustentar e promover os seguintes padrões:

Quadro 2: Regras dos fotojornalistas

1	Ser preciso e abrangente na representação dos assuntos;
2	Resistir a ser manipulado por oportunidades de encenar fotografias;
3	Ser completo e fornecer o contexto ao fotografar ou gravar temas. Evitar estereotipar indivíduos e grupos. Reconhecer e trabalhar para evitar apresentar sua própria opinião no trabalho;
4	Tratar todos os temas e pessoas com respeito e dignidade. Dar especial atenção a pessoas vulneráveis e compaixão às vítimas de crime ou tragédia. Invadir momentos privados de tristeza apenas quando o público tiver necessidade imperiosa e justificável de ver;
5	Ao fotografar temas, não contribuir intencionalmente para alterar, ou influenciar os eventos;
6	A edição deve manter a integridade do conteúdo e contexto das imagens fotográficas. Não manipular imagens nem adicionar ou alterar o som de nenhuma forma que possa induzir os telespectadores a erro ou deturpar os temas;
7	Não pagar fontes nem indivíduos ou recompensá-los materialmente por informação ou participação;
8	Não aceitar presentes, favores ou recompensação daqueles que podem procurar influenciar a cobertura;
9	Não sabotar intencionalmente os esforços de outros jornalistas.

Fonte: Código de ética da *National Press Photographers Association*

3.4 ÉTICA X JORNALISMO COLABORATIVO

A ética, como já discutida no item anterior, é de extrema importância para a construção do jornalismo democrático e confiável, feito por profissionais da comunicação. Porém, com o barateamento das novas tecnologias, a participação de cidadãos comum nessa construção de informações vem modificando o cenário jornalístico atual. É importante questionar como essa nova participação pode ser utilizada sem que haja comprometimento a veracidade dos fatos.

A manipulação de imagens que distorce o fato eticamente é condenada quando utilizada no fotojornalismo. Com o avanço da tecnologia, tanto o tratamento quanto a manipulação ficam mais fáceis de realizar e estão ao alcance do cidadão comum, e nesse contexto ferem a ética profissional jornalística. “Cinco milhões de fotos compartilhadas por dia. O

Instagram, pelo qual o Facebook acaba de dar mil milhões de dólares, está a mudar a forma como lidamos com a fotografia?” (COELHO, 2012, ¶ 1).

Coelho (2012) questiona as mudanças reformuladas pelo avanço da Internet e redes sociais e como o panorama fotográfico atualmente pode ser afetado positiva ou negativamente. Nos dias atuais é muito fácil mostrar uma foto, que acabamos de tirar, a um número infinito de pessoas, que além de visualizarem, podem também comentá-las e divulgá-las. A fotografia ganha, assim, uma proporção de divulgação ilimitada, com a qual nunca antes tinha lidado.

A rapidez de processos dá agora lugar ao “real instantâneo”, com equipamentos mais sofisticados. Uma fotografia pode ser produzida e em questão de segundos depois, através da internet, partilhá-la com os nossos amigos. Todos podem publicar as suas fotos, são editores de si próprios, decidindo os seus critérios de publicação.

Outro questionamento de Coelho (2012): “Agora somos todos bons fotógrafos?”. A Internet permite que amadores e profissionais usem as mesmas plataformas para expor, lado a lado, o seu trabalho. No entanto, também os amadores são importantes para o desenvolvimento da fotografia e do fotojornalismo, pois vários são os casos em que fotógrafos amadores, devido à sua perspicácia, sensibilidade, conhecimento técnico e “clique no momento certo”, veem a sua fotografia divulgada numa publicação prestigiada, explica Coelho (2012, ¶ 7):

A grande diferença, entre amadores e profissionais, reside no fato de o amador conseguir esse feito esporadicamente, enquanto o profissional o faz recorrentemente aliando, ao seu conjunto de técnicas específicas do fotojornalismo, a sua experiência visual e conhecimento do mundo.

Nesse sentido a participação de fotógrafos amadores, e ou do público em geral na construção das notícias, é definida por Foschini e Taddei (2006) como “jornalismo cidadão”. Essa modalidade de jornalismo recebe interferências, direta ou indiretamente, de testemunhas de fatos alheios, pessoas comuns que colaboram na construção de informações, que também podem ser classificadas como jornalistas colaboradores.

O jornalismo cidadão já entrou para nosso cotidiano, mesmo que a gente não saiba que ele leva esse nome. Ele fica bem visível quando há um fato de repercussão internacional, como foram os atentados a bomba no metrô e em um ônibus em Londres, em julho de 2005. Todos os veículos tradicionais – TV, rádio, jornais, revistas – mostraram o material produzido pelas testemunhas, pessoas que não são jornalistas e produziram notícia naquele momento. De uma forma muito simplificada, pode-se dizer que você se transforma em um cidadão jornalista quando toma a iniciativa de divulgar uma informação (FOSCHINI e TADDEI, 2006, p. 12).

A Internet é uma grande aliada na divulgação desses conteúdos feitos por pessoas comuns, que diante seus aparatos tecnológicos, câmera ou um celular, são capazes de participar na forma de produzir e divulgar notícias. “Acessíveis a todos, as novas formas de trocar mensagens com texto, áudio e vídeo na rede transformam o jornalismo em uma conversa de um para um, um para muitos, muitos para muitos” (FOSCHINI e TADDEI, 2006, p. 11).

De acordo com Foschini e Taddei (2006, p. 9), essas concepções estão participando de uma revolução no meio de comunicação, pois se trata de um campo novo, sem padrões estabelecidos. Essas mudanças rompem com métodos que caracterizam os meios de comunicação de massa. O termo “jornalismo cidadão” foi adotado para nomear a produção de notícias nesse novo universo. Essas novas modificações não excluem a produção profissional, porém abrem uma parceria com os leigos e testemunhas.

Ribeiro (2013) afirma que existe um diferenciador entre o material produzido por fotojornalistas profissionais e imagens colaboradas por pessoas comuns.

O que traz de novo e torna urgente e distinta uma fotografia específica dentro de um conjunto infinito das fotografias é o fotógrafo. Mas o fotógrafo não tanto no sentido de sujeito ou autor, antes como produtor (na célebre fórmula de Walter Benjamin), entidade complexa que combina várias características únicas que vão desde especificidade do seu nervo óptico, ao peso e altura do seu corpo, aos preceitos epistemológicos a que obedece, à sua teoria privada sobre a representação do mundo (RIBEIRO, 2013, ¶ 9).

Segundo Sousa (2000, p. 35), o fotojornalista profissional, “quando chega diariamente ao seu local de trabalho, raramente sabe o que vai fotografar e em que condição o vai fazer.” Dessa forma, o fazer fotojornalístico “exige sempre algum estudo da situação e dos sujeitos nela intervenientes, por mais superficial que esse estudo seja”.

O fotorepórter cidadão, por outro lado, muito raramente sai de casa pronto para registrar alguma situação. Sua figura é a da pessoa certa no lugar certo: a pessoa que presencia algo de interesse público e dispõe de uma câmera no bolso. Essa câmera pode tanto ser uma digital, quanto uma de celular. No entanto, o segundo tipo de câmera é muito mais propício a flagrar situações inesperadas.

Sobre o trabalho do fotojornalista, Sousa (2000, p. 115) afirma:

Os fotojornalistas necessitam de reunir intuição e sentido de oportunidade quer para determinarem se uma situação (ou um instante numa situação) é de potencial interesse fotojornalístico, quer para a avaliarem eticamente, quer ainda para a representarem fotograficamente. Tem de discernir a ocasião em que os elementos representativos que observa adquirem um posicionamento tal que permitirão ao observador atribuir claramente à mensagem fotográfica o sentido desejado pelo fotojornalista. [...] o fotojornalista consciente, enquanto ser humano inquieto, deve sempre interrogar-se quando explora temas violentos: ‘Será o acontecimento fotografado de tal dimensão sócio histórica e cultural que o choque do observador é justificável? A violência será necessária para a compreensão do acontecimento ou para a sua comprovação?’

O fotojornalismo atual se depara com vários questionamentos, tanto estruturas, éticos e técnicos sobre o seu exercício, quanto à veracidade dos direitos autorais, a ética e deontologia sob a edição de imagens, e a invasão de privacidade.

Para Sousa (2004), falar de ética no jornalismo envolve principalmente os profissionais fotojornalistas. Ele afirma: “O fotojornalista consciente deve sempre se interrogar quando explora temas violentos” (SOUSA, 2004, p. 45).

[...] que imagem selecionar, quando o editor apenas pede uma foto? Aquela que mostra um breve instante de conflito físico durante uma manifestação pacífica de várias horas? Aquela que se baseia num plano geral, conseguido através da utilização de uma objetiva grande angular onde os manifestantes parecem compor um grupo disperso, ou aquela em que o uso da teleobjetiva para se “ir buscar” um grupo pequeno, mas particularmente ativo de manifestantes (SOUSA, 2004, p. 111).

No Brasil, o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (1985) trata da questão de forma incisiva, evitando ao máximo dúbias interpretações.

Art. 5 – A obstrução direta ou indireta à livre divulgação da informação e a aplicação de censura ou autocensura é um delito contra a sociedade.

Art. 7 – O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos, e seu trabalho se pauta pela precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação.

A falta de fidelidade e ética com os fatos pode trazer graves consequências ao profissional e à sociedade, que pode se sentir enganada e perder a confiança em determinado veículo de comunicação. A credibilidade da fotografia está vinculada também à do autor e do veículo de comunicação que a está reproduzindo.

Contudo, Silva (2010) aponta que o jornalista, especialmente, na figura do editor, seja editor-chefe ou editor fotográfico, independente da revolução pela qual a mídia vem passando, ocupa um lugar importante na Sociedade Digital para avaliar e ponderar os quesitos importantes e éticos das informações atrelados às rotinas das redações. “Enquanto filtro, do emaranhado de informações ao qual somos expostos diariamente, cabe a ele (editor) avaliar

o que é bom do que é ruim, e o que vale a pena ser repercutido do que não é relevante” (Silva, 2010, p. 56).

Nesse tipo de caso, o Código de Ética do Jornalismo prevê que tanto o profissional quanto o veículo podem ser responsabilizados por qualquer tipo de adulteração.

Art. 20 – Por iniciativa de cidadão, jornalista ou não, ou instituição atingidos, poderá ser dirigida à Comissão de Ética para que seja apurada a existência de transgressão cometida por jornalista. (FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS, 1985).

O fato é que a era digital popularizou a fotografia. As pessoas estão perdendo o medo de experimentar essa nova participação junto aos meios de comunicação, e aliada ao avanço da tecnologia é possível tirar fotos e enviá-las imediatamente do próprio telefone celular para qualquer destino.

Christofoletti (2008, p. 109) reflete que estamos atualmente vivenciando uma nova cultura midiática introduzida pela Internet.

A ideia é simples: todo mundo pode ser repórter. Em diversos cantos da Web aparecem centros de mídia cidadã, abastecidos por textos, fotos, vídeos e áudios enviados por donas-de-casa, bancários, estudantes e até jornalistas fora do mercado. [...] Essa realidade trazida pela tecnologia é algo que contagia a grande mídia, aproximando e interligando emissores e receptores, o jornalismo já não é mais o que pensávamos. Terá de se reinventar. Exatamente como fez outras vezes.

Almeida e Boni (2006, p. 40) relatam que a era digital é irreversível. Contudo, apesar de tão popular, evidencia que a discussão acerca da credibilidade desta tecnologia ainda pode estar longe de ser encerrada.

3.5 O CELULAR COMO FERRAMENTA DE COMUNICAÇÃO

Igualmente como aconteceu com a chegada do telefone fixo, da TV e da Internet, o advento do telefone celular também causou um profundo impacto na maneira como as pessoas se comunicam. Benefícios como a praticidade de ter um telefone a mão a qualquer hora e a possibilidade de ligar rapidamente para qualquer pessoa mudou a maneira de as pessoas se relacionarem. Durante alguns anos o celular era somente usado para ligações e mensagens de texto, mas em pouco tempo esse aparelho sofreu modificações e aperfeiçoamentos tecnológicos, acoplando uma câmera fotográfica e acesso instantâneo à Internet.

O primeiro celular com câmera fotográfica surgiu em 2000. Quatro anos depois desse lançamento foram registradas as primeiras fotografias de testemunhas dentro de um atentado em Londres, que mostraram ao mundo que esses aparelhos tinham lugar garantido dentro do âmbito da informação. Os celulares com câmera têm particularidades que lhes garantem status de ferramenta jornalística e conferem às suas fotos características particulares dentro do jornalismo (SOUSA, 2004).

Sua invenção e posterior popularidade impactaram o jornalismo de tal forma que entrou em uma fase em que a grande maioria de fatos e eventos que despertam interesse público dispõem de imagens, sejam acidentes, tragédias, denúncias ou flagras.

Em 7 de julho de 2005, na hora do rush do trânsito de Londres, houve um conjunto de ataques terroristas com diversas explosões no sistema de transporte subterrâneo da cidade. Nesse momento que envolve acidentes, jornalistas e fotojornalistas ficam atados em diversas vezes. Na ocasião desse fato as informações foram limitadas e inexatas, pois, os túneis do metrô londrino já estavam bloqueados pela polícia britânica e tudo que puderam capturar com suas lentes eram as vítimas do lado de fora sendo assistidas pelas equipes de resgate. Foi na internet que surgiu uma das primeiras imagens das testemunhas do lado de dentro do atentando, e, em seguida, mais e mais pessoas reproduziram outras fotografias.

Uma das vítimas, Adam Stacey, que estava entre as estações afetadas pelas explosões, usou um celular com câmera para fotografar a situação e compartilhou com os amigos de modo a tranquilizá-los.



Figura 5: Foto tirada pelo celular de uma vítima que estava dentro do túnel do metrô

Fonte: Reprodução do site Wikipédia <es.wikipedia.org/wiki/Atentados_del_7_de_julio_de_2005_en_Londres>

A figura 5, diferente de uma imagem feita por profissionais com diversos recursos tecnológicos a fim de melhorar a imagem, essa testemunha com sua tecnologia a mão, transpôs a realidade enfrentada no momento, pela própria câmera do seu celular. Sem grandes qualidades visualmente, essa fotografia traz com si a principal característica do fotojornalismo, a representação do real, traduzindo informação pela captura da imagem.

A figura 6 (a seguir) faz um parâmetro entre as imagens feitas pelos profissionais da imprensa, e as imagens produzidas pelas testemunhas dessa tragédia. A partir disso, é possível notar diferenças entre o espaço físico que cada um pode estar presente registrando essas imagens.

Ataques terroristas em Londres 2005



Imagens feitas por profissionais da imprensa **X** **Imagens feitas por cidadãos vítimas do acidente**

Figura 6: Comparação das imagens produzidas por equipamentos profissionais e por celulares de testemunhas de um acidente

Fonte: Reprodução do site Jornal Livre <www.jornallivre.com.br/102326/atentados-terroristas-atentado-em-londres-de-7-de-julho-de-2005.html>

Levando em consideração a velocidade em que as notícias chegam, sejam pela Internet, pelos celulares, pelas reportagens ao vivo, etc., os fatos tornam-se notícias no exato momento em que acontecem. Baseando na ideia que cada pessoa pode ser testemunha de um fato e divulgá-lo, o cidadão está deixando de ser um mero espectador das notícias para se transformar em um narrador dos fatos.

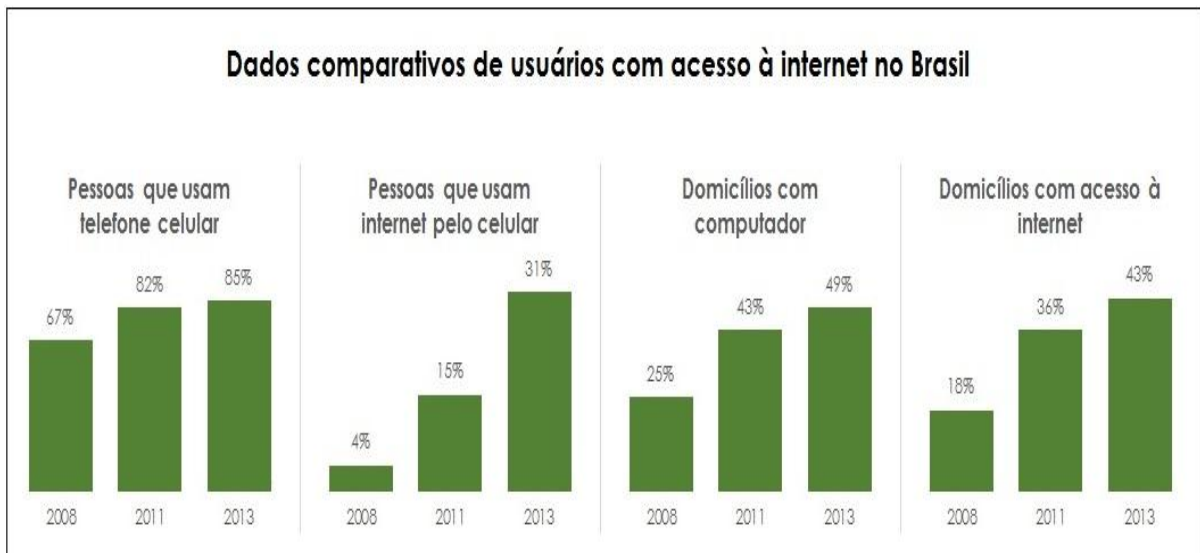
Diversos veículos de comunicação de todo o mundo já se renderam a esse jornalismo participativo. Essa ação de pessoas sem formação jornalística que interferem nos acontecimentos da sociedade tem um grande poder, afirmam Taddei e Foschini (2006, p. 9):

Você tem o poder de transformar a comunicação em um caminho de duas mãos. [...] os profissionais da comunicação têm agora milhares de aliados na tarefa de apurar fatos, conhecer novidades, reunir e comentar informações. Qualquer um pode fazer notícia. O modelo tradicional, que distingue os emissores dos receptores da informação, deu lugar à comunicação feita por meio da colaboração.

O número de brasileiros que acessam a Internet por meio do telefone celular atingiu 52,2 milhões em 2013, representado 31% da população do país. O percentual mais que dobrou no período de dois anos. Em 2011, representavam 15%, em 2012, eram 20%. Esses

dados fazem parte da 9ª pesquisa TIC Domicílios divulgada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação - CETIC. O levantamento dos dados foi feito com a pesquisa entre 16.887 domicílios, dentre áreas rurais e urbanas.

Tabela 1: Aumento de usuários com acesso à internet no Brasil até 2013



Fonte: 9ª pesquisa TIC Domicílios

Além do acesso à Internet, essa participação colaborativa vem sendo atualmente mais facilitada, pois os aparelhos celulares vêm se aperfeiçoando tecnologicamente cada vez mais, explica Brambilla (2007, p. 12). “Equipamentos pequenos, leves e de fácil utilização, que não só capturam imagens, mas as compartilham em tempo instantâneo”.

Ainda de acordo com a autora (2007), estamos vivendo atualmente um momento histórico para o jornalismo, pois “a participação do público leigo no jornalismo faz com que o jornalista profissional enfrente uma das maiores crises de identidade da sua história”. “A interação e a comunicação sempre foram inerentes ao ser social, mas a dimensão midiática que essa troca adquire no jornalismo colaborativo na Internet é inédita e atende uma demanda jamais satisfeita por outro veículo” (BRAMBILLA, 2007, p. 14).

Seguindo o mesmo pensamento de Brambilla (2007), Kobré (2011, p. 288) argumenta: “A venerável profissão de jornalista se encontra em um raro momento onde sua hegemonia como filtro de informações é ameaçada não apenas pela tecnologia e pela competição do mercado, mas potencialmente, pela audiência a que serve”.

A profissão, de acordo com os dois autores, vive atualmente uma nova adequação dentro dos termos já abordados, tais como: o avanço das câmeras fotográficas em celulares,

advento da praticidade da Internet em difundir notícias, e a participação colaborativa das pessoas. E, ao que parece, o quadro de mudanças tende a se intensificar à medida em que mais e mais pessoas têm acesso aos dispositivos móveis.

Um levantamento feito pela Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) indicou que provedores de Internet têm apresentado números crescente de usuários com banda larga fixa. O Brasil fechou março de 2015 com 24,43 milhões de acessos de banda larga fixa, crescimento de 0,6% em relação ao mês anterior. Em janeiro e fevereiro, o crescimento foi de 0,6% e 0,71%, respectivamente, o que se traduziu em penetração de 36,97% dos domicílios.

No primeiro trimestre de 2015, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostram que o acesso a Internet por aparelhos celulares está predominando em grande parte do país. A região Norte apresentou o maior percentual de domicílios que usaram o celular para acessar a Internet (75,4%), enquanto no restante do Brasil predominou o uso do computador, (24,6%).

Entre os Estados brasileiros, o acesso feito exclusivamente por celular ou tablet superou o feito por computador em Sergipe (28,9% por celular ou tablet contra 19,3% por computador), Pará (41,2% contra 17,3% por computador), Roraima (32% contra 17,2%), Amapá (43% contra 11,9%) e Amazonas (39,6% versus 11,1%).

O estudo apontou que o acesso por celular esteve presente em mais da metade (53,6%) dos lares brasileiros. Já o tablet existia em 17,2% dos domicílios. Entre as residências com Internet, 97,7% tinham banda larga (24,1 milhões conectavam-se por banda larga fixa e 13,6 milhões, por banda larga móvel). 11,6% dos domicílios (3,6 milhões) acessavam a internet somente por dispositivos como celular e tablet.

A venda de computadores caiu no Brasil, o número de smartphones está maior que os computadores. Nos últimos dois anos, foram habilitados 100 milhões de conexões, entre linhas residenciais e móveis, e o crescimento vem se acelerando. A Anatel registra 1,8 novo pedido a cada segundo para acionar uma linha de internet e já existem 180 milhões de conexões ativas, número que não representa o total absoluto de conectados, pois muitas pessoas têm múltiplos acessos à rede mundial de computadores, seja em casa, no trabalho, pelo celular ou pelo tablet.

Dados da empresa de consultoria IDC, organizados pela Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee), apontam que o mercado de smartphones no Brasil atingiu 93,3% do total de celulares vendidos no primeiro trimestre de 2015. Nos três primeiros meses de 2015, foram vendidos 14,1 milhões de smartphones, contra 1,0 milhão de

aparelhos tradicionais, atingindo um total de 15,1 milhões de celulares vendidos. Os celulares tradicionais tiveram queda de 80,2%, enquanto que as vendas de smartphones aumentaram 32,9% no mesmo período. O decadente desempenho dos celulares tradicionais puxou a retração do mercado total que recuou 3,8% no mesmo período. O quadro 3 ilustra tais dados.

Quadro 3: Resultados vendas Trimestrais: 2014 - 2015

Aparelhos	Período				
	Jan- Mar 2014	Abr- Jun 2014	Jul- Set 2014	Out- Dez 2014	Jan- Mar 2015
Celulares	5,1%	3,7%	4,4%	3,8%	1,0%
Smartphones	10,6%	13,3%	13,9%	16,2%	14,1%

Fonte: IDC e Abinee

Ainda de acordo com a pesquisa da IDC, o mercado de celulares encerrou o ano de 2014 em alta de 7%, com um total de 71,0 milhões de aparelhos comercializados. Isso fez com que o país fechasse 2014 na 4ª colocação entre os maiores mercados do mundo, atrás da China, Estados Unidos e Índia. O estudo aponta também que 15% dos aparelhos vendidos em 2014 têm acesso a 4G. Para 2015, a IDC Brasil prevê uma elevação entre 30% e 35%.

3.6 ESTRUTURA JORNALÍSTICA

Antigamente, o jornalismo era caracterizado pela anotação de dados em um bloco de papel, escrever o texto em uma máquina e entregar as laudas ao editor. Durante quase um século, essa foi à rotina de um repórter de jornal impresso. O trabalho impresso funcionava com a estrutura que o repórter produzia, sendo o texto passado para o editor, que o encaminhava para diagramadores, gráficos, distribuidores, até finalmente chegar às mãos do leitor.

Da Revolução Industrial até a metade do século XX, ocorreram poucas mudanças na rotina das redações e no processo produtivo dos jornais. Neste período, o jornalista passou a ter certo destaque na sociedade da informação e precisou se organizar como categoria para regulamentar a profissão. Com a chegada das novas tecnologias, a partir da década de 1980,

computadores e internet revolucionaram o mundo do trabalho. Esse quadro de mudanças que, até então, caminhava lentamente, passou a mudar radicalmente, mexendo não só na rotina, como no modo de produção e no discurso do próprio jornalista e dos fotojornalistas.

As modificações ocorridas nos meios de comunicação, por meio das novas tecnologias móveis e da cultura de convergência midiática, impactaram profundamente os processos de produção do jornalismo e, conseqüentemente, o perfil do jornalista. As escolhas sobre apropriações e usos baseiam-se em práticas culturais, em processos comunicacionais, em valores sociais e interesses econômicos.

A tecnologia é profundamente marcada pelo contexto em que é elaborada e explorada. Cada fase da elaboração e do funcionamento de uma nova tecnologia implica uma série de escolhas entre diferentes opções. Um leque de fatores independentes – econômicos, sociais, culturais, políticos, organizacionais – pesa sobre as opções tomadas” (FÍGARO, 2010, p. 100).

De acordo com Fígaro (2010), o jornalismo é um mercado e as notícias são seus produtos, portanto é necessária a organização das empresas. A ideia apontada pela autora afirma que: quanto mais organizado o processo jornalístico, mais lucrativo.

O tempo e o espaço, comprimidos pelas possibilidades das tecnologias de comunicação e de informação, foram assimilados nos processos de produção de modo a reduzir o tempo para a reflexão, a apuração e a pesquisa no trabalho jornalístico. O espaço de trabalho encolheu e ao mesmo tempo diversificou-se, transformando as grandes redações em células de produção que podem ser instaladas em qualquer lugar com internet e computador. O jornalismo on-line, em tempo real, os blogs e as ferramentas das redes sociais são inovações nas rotinas profissionais (FÍGARO, 2010, p 112).

A década de 1990 ficou apontada pela instalação dos computadores nas redações e gráficas, essas inovações tecnológicas baratearam a produção e causaram profundas alterações nas funções do jornalista, que viu cargos sendo suprimidos. Em 1995, a mudança ocorreu com a chegada da Internet e da informação eletrônica e interativa. Houve valorização da imagem e maior velocidade da informação, que passou a circular em tempo real.

Castells (1999) afirma que estamos em meio a um novo paradigma, o da tecnologia da informação. De acordo com ele, ao contrário do que se pensava no início dos anos 1990, o trabalho não acabou com a chegada dessa nova e avançada tecnologia, pois ocorreu um amadurecimento da revolução das tecnologias da informação que transformou o processo de trabalho, introduzindo novas formas de divisão técnica e social.

O mundo profissional passou, nas últimas décadas, por diversas mudanças, devido a questões econômicas, da revolução informacional e da chegada das novas tecnologias. Essas

transformações naturalmente se refletiram na profissão e na sua relação com o trabalho. Por meio do desenvolvimento das teorias da comunicação, percorremos que a cultura e o cotidiano passaram a ter um papel de destaque para a compreensão do sujeito inserido no processo comunicacional.

A informatização também representou um crescimento em termos de rapidez na execução das tarefas e distribuição de jornais, tornando os horários mais rígidos para os profissionais. O tempo, ainda mais escasso, impossibilitou a pesquisa e as grandes reportagens. Os textos, muitas vezes adaptados à linguagem da hipermídia, estão mais curtos e a informação pasteurizada. Todos esses fatores, aliados às grandes exigências e baixos salários, contribuem para que o ambiente de trabalho torne-se muito mais competitivo (Castells, 1999, p. 251).

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Esse trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisa empírica com o objetivo de examinar a utilização do chamado “jornalismo colaborativo” nas redações impressas de Juiz de Fora (MG). Com base na literatura sobre as transformações que atravessam as práticas fotojornalísticas e dos dilemas trazidos pela participação dos cidadãos comuns no registro imagético de informações por meio de tecnologias móveis, o estudo foi estruturado para responder à seguinte questão central de pesquisa:

- “Quais são os procedimentos de uso do material imagético enviados por cidadãos comuns e como são utilizados nas redações impressas?”.

O termo “fotojornalismo colaborativo” foi operacionalizado, para os propósitos desta pesquisa, como a prática de cidadãos comuns de fotografar fatos ou eventos cotidianos e enviar, como forma de participação e sugestão de publicação, para redações jornalísticas com atuação reconhecida no mercado editorial impresso de Juiz de Fora. Em relação ao termo “cidadão comum” considera-se, aqui, pessoas que não se enquadram na categoria de repórter-fotográfico profissional e, portanto, que não têm registro profissional no Ministério do Trabalho e Sindicato dos Jornalistas de Juiz de Fora. Este estudo parte da hipótese que essa parceria tem sido utilizada não com o intuito de valorizar essa participação dos cidadãos, mas, sim para suprir a má estruturação profissional dentro do jornalismo local, pois, essas imagens colaboradas fazem com que as empresas não se ajustem perante o número ideal de profissionais suficientes para a produção jornalística sem desvio de funções, para dar conta de todos os fatos corriqueiros da cidade.

As perguntas que se desdobraram da questão central de pesquisa foram:

- 1) Como o fotojornalismo colaborativo aparece nas publicações nas edições impressas?
- 2) Como funciona a estrutura profissional de cada empresa?
- 3) Quais são os critérios de seleção e publicação das fotografias enviadas pelos cidadãos comuns?
- 4) Quais são os tipos de estímulos dados aos cidadãos comuns para o envio das suas contribuições?

O corpus da pesquisa constitui-se de 32 capas dos jornais *Tribuna de Minas* e *Diário Regional*, sendo 16 capas de cada veículo, que compreendem o período de 1º de março

a 22 de março de 2015, totalizando três semanas de análise. O material foi recuperado e coletado das homepages oficiais dos dois jornais, que disponibilizam suas edições produzidas na versão impressa em formato PDF, com todos os direitos reservados. As capas foram propostas por conterem as principais imagens de cada edição, e o período escolhido foi constituído de forma aleatória em função das condições de viabilidade da pesquisa.

As escolhas do material de análise e do período selecionado partiram da estratégia de adequação de operação de ambas as publicações, sendo descartada a análise pelo conteúdo on-line, considerando que apenas o *Tribuna de Minas* mantém operações digitais. O jornal *Tribuna de Minas* possui *website* em versão clássica e para dispositivos móveis, possibilitando acesso ao conteúdo jornalístico diário da versão impressa, além de reportagens extras. O *website* do *Diário Regional*, entretanto, permite apenas acessar o conteúdo em formato da edição impressa. O mesmo veículo não permite, ainda, por meio do site, o envio de imagens de repórteres colaborativos.

A metodologia aplicada foi a análise de conteúdo híbrida, com a coleta de dados quantitativos e qualitativos, nos moldes propostos por Bauer (2008). Na coleta de dados, recorreu-se à técnica de anotação diária das seguintes informações referentes às 32 edições:

1) Inserção de conteúdo fotográfico enviado pelos leitores; 2) Tamanho e destaque dos textos e das imagens; 3) Entrevistas esporádicas com os editores do jornal; 4) Como funciona a estrutura profissional de cada empresa;

No *Diário Regional*, foi identificado que a responsável pela editoria geral é a jornalista Jaqueline Dias, no cargo há dois anos. No *Tribuna de Minas*, identificou-se o fotógrafo Fernando Priamo, responsável interino pela editoria de Fotografia e fotojornalista há mais de dez anos. Estes profissionais exercem papel fundamental no fechamento de cada edição dos dois jornais de publicação em Juiz de Fora, tendo a responsabilidade também de escolher imagens e qualificá-las de acordo com critérios de importância jornalística e hierarquia nas capas dos jornais.

A estrutura da equipe de profissionais de fotojornalismo é diferenciada nas duas empresas comparadas neste estudo. No jornal *Diário Regional*, é reduzida a apenas um fotógrafo orientado pela editora geral da publicação impressa, bem como dos jornalistas que produzem as pautas; não há editoria fotográfica específica para tratamento e produção de imagens. Já no jornal *Tribuna de Minas*, a equipe fotográfica é formada por cinco fotógrafos, orientada pelo editor específico de Fotografia.

Durante este estudo, considerou-se a importância de analisar o conteúdo em conjunto das capas publicadas no período da análise, como uma forma de compreender como

as reportagens são constituídas, a importância das imagens com qualidade e ética, e como a estrutura funcionalista profissional de cada empresa resulta em um jornalismo de qualidade.

4.1 A TRIBUNA DE MINAS

O jornal *Tribuna de Minas* foi fundado por Juracy Azevedo Neves e passou a circular em Juiz de Fora em 1º de setembro de 1981, em formato standard, preto e branco e desde então é publicado durante seis dias da semana, com exceção de segunda-feira.

De acordo com Cristina Musse (2003), em artigo apresentado no I Encontro Regional de Comunicação, o perfil do leitor da *Tribuna de Minas* é de classe média, 35 anos, homens e mulheres com nível universitário. Os assuntos que mais interessam são violência e consumo, e o enfoque é regional.

De acordo com o editor de fotografia Fernando Priamo, atualmente a circulação da *Tribuna de Minas* durante a semana é em torno de 7 mil exemplares em dias de semana e 15 mil em edições de final de semana. O jornal também disponibiliza na Internet um portal, que estimula a participação entre o leitor e o jornal, onde são empregadas as imagens colaboradas pelos cidadãos. Fernando explica que o *website* proporcionou no âmbito fotográfico a rápida exposição das imagens, tendo em vista, por exemplo, um acidente que assim que acontecido já é noticiado e pode alterar rotas para fluir melhor o trânsito na cidade, além da maior aproximação do público com o jornal.

Outro ponto positivo apontado pelo profissional é a maior gama de fotografias que se pode usar no site, pois é possível montar uma galeria de imagens, o que no impresso é inviável por conta de espaço e layout já pré-definido.

A redação do jornal contém uma organização fotográfica com uma equipe específica, liderada pela figura do Editor Fotográfico. Este profissional é o responsável por dividir as tarefas entre os repórteres fotográficos, definir a importância de cada imagem e discutir em reunião final com outros editores de cadernos distintos qual a relevância de cada tema para definir a imagem principal da edição. A rotina dos repórteres-fotográficos já é pautada antes deles saírem a campo, ou seja, são discutidos, no começo do expediente entre todos os editores de todas as editorias, quais temas devem ser explorados imagetivamente.

Sobre a colaboração de imagens enviadas pelos leitores, o fotógrafo explicou que toda imagem e/ou informação enviada à redação é averiguada e utilizada. “Muitas vezes, recebemos fotos de fatos no qual não conseguimos chegar e obter uma imagem no instante

que aquele cidadão pôde testemunhar e registrar. Por isso, acho importante essa participação de troca. Tal colaboração auxilia no fazer jornalismo, nós os informamos, e eles nos informam”, afirmou.

Priamo ainda afirmou que todo esse material fotográfico que é enviado à redação, primeiramente é analisado pelo editor fotográfico para, então, ser selecionado. “Recebemos o material e verificamos a procedência e a qualidade visual da imagem, para somente depois reproduzirmos. Atualmente, a participação popular do público da *Tribuna de Minas* se encontra mais voltada para a plataforma on-line, onde os leitores enviam fotos de reclamações, buracos, flagrantes de abuso no trânsito, irregularidades e outros questionamentos que os repórteres buscam apurar junto às entidades responsáveis dentro da cidade”, informou.

A reprodução abaixo é a captura do site do jornal *Tribuna de Minas* onde há a interação do público leitor com a empresa. As reportagens são as próprias reclamações que os leitores enviam à redação, e os jornalistas fazem a ponte com os órgãos competentes para tomarem conhecimento dos diversos problemas. A figura 7 reproduz o canal da empresa que estabelece a comunicação entre os leitores. As imagens enviadas pelo público expõem reclamações de toda a cidade, e são devidamente creditadas com nome e sobrenome de cada pessoa participante. É possível notar também a estrutura com enquetes que visam evidenciar a opinião desses indivíduos sobre assuntos diversos.

MINHA TRIBUNA



ZONA SUDESTE
Ponto de ônibus é tomado por mato alto no Retiro
Moradores reclamam das condições do abrigo na BR-267



SUJEIRA
Boca-de-lobo no Bairro Industrial acumula lixo
População diz que entulhos impedem escoamento da água da chuva

NO SANTA LUZIA

Mato alto traz prejuízos à saúde de vizinho



ENQUETE

Você acha que o cancelamento do Festival de Música Antiga este ano põe em risco o futuro do evento?

Sim

Não

Responder

FLAGRANTE

TRÂNSITO
Mulher sem capacete e criança na garupa

Figura 7: Espaço no site onde o jornalismo participativo é abordado, e agrupa a comunicação do jornal com o leitor

Fonte: Reprodução do site Tribuna de Minas <www.tribunademinas.com.br>

A interação dessas imagens colaboradas é bem recebida pela empresa. O Jornal Tribuna de Minas recorre a fotos colaborativas em circunstâncias diferenciadas, nos casos em que, provavelmente, não há possibilidade de deslocamento do repórter-fotográfico, por ser em outras cidades e estados ou quando há rápida resolução do problema. Na análise em questão, não foi identificada nenhuma imagem colaborada nas capas, mas é possível identificar esse uso em períodos específicos.

De acordo com Priamo, o uso de imagens colaboradas depende da situação, como onde às vezes a equipe não consegue chegar o local pela distância, ou por problemas de falta de autorização na entrada. Esse exemplo é exposto na edição do dia 3 de julho de 2015, onde foi usada uma imagem de arquivo pessoal na capa como matéria secundária, por ser uma imagem de um hospital no estado de São Paulo, e eles não terem condições de deslocamento.



Figura 8: Arquivo pessoal sendo utilizado como imagem de capa
 Fonte: Reprodução do jornal impresso Tribuna de Minas

A figura 9 (a seguir) ilustra como é empregado o uso do aparelho celular paralelo à utilização da câmera fotográfica. Fernando Priamo informou que, em diversos momentos, a equipe utiliza a câmera do aparelho celular para adiantar imagens para o *website* e manter seu público atualizado o mais rápido possível. As fotografias produzidas pelo celular buscam adiantar a ilustração para o leitor, juntamente com as informações básicas de texto.

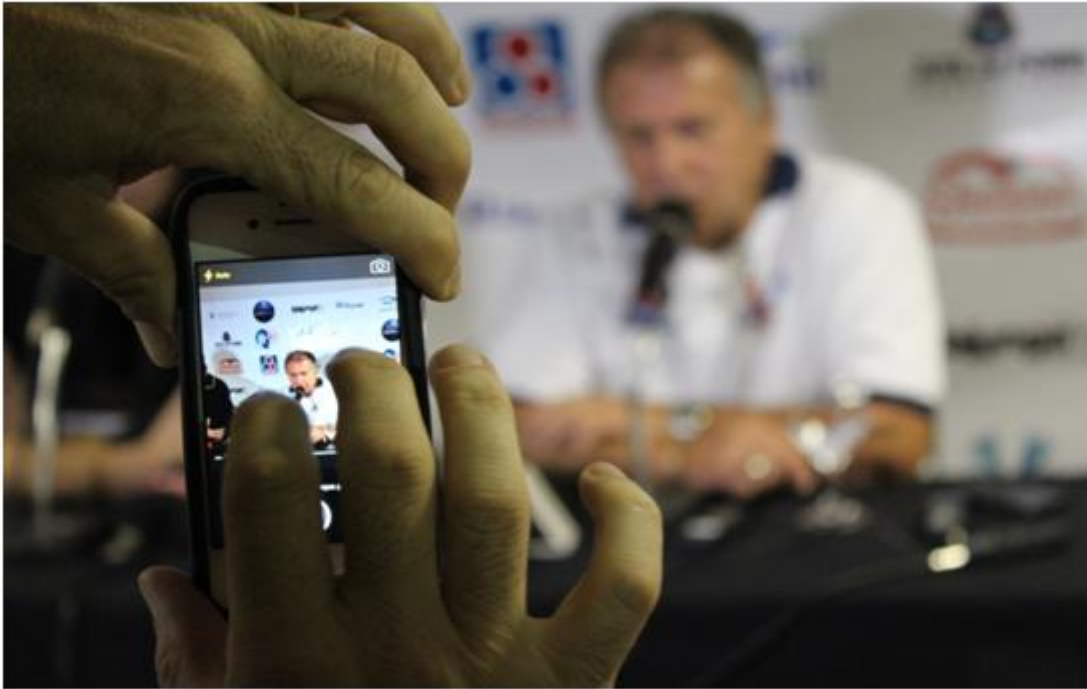


Figura 9: Imagem foi capturada em entrevista coletiva do jogador Zico em visita a Juiz de Fora em maio/2015
Fonte: Jéssica Pereira (arquivo próprio)

“O uso do aparelho celular pelos profissionais fotográficos é prática recorrente e muito bem recebida na nossa redação, pois acelera a atualização dentro do site, mantendo nosso leitor mais bem informado e mais rápido. Em questão de minutos posso introduzir diversos temas, acidentes, visitas, coletivas. Rapidamente enviamos essa imagem pela Internet e, assim que recebida na redação, os profissionais das redes sociais providenciam o compartilhamento dessa situação, ágil e rápido. Só não tem tanta qualidade para ser reproduzida no jornal impresso”, explicou Fernando.

De acordo com ele, as imagens para a reprodução no jornal impresso necessitam de maior qualidade de pixels, e podem ser mais bem trabalhadas sem a pressa que a Internet impõe. “As imagens produzidas pela câmera profissional trazem recursos estéticos e de qualidade superior que o impresso necessita para desenvolver um trabalho visual de competência. O celular ainda não usufrui de tanta qualidade, mas é o aliado para a informação instantânea”, afirmou.

As imagens colaboradas são pouco empregadas nas capas do jornal impresso, mas como já abordado, em alguns casos é necessária à utilização dos mesmos. A estrutura profissional do TM consegue dar conta de esquematizar toda a equipe em diversos pontos da cidade, sem a necessidade de depender das fotos registradas pela população. Esse tipo de integração é valorizado tanto dentro do *site*, quanto em uma coluna especial dentro do jornal

impresso, intitulada “Vida Urbana”, aonde essas imagens são usadas e devidamente creditadas.

4.2 O DIÁRIO REGIONAL

O jornal *Diário Regional* foi fundado em julho de 1994, por Josino Aragão, e integra o grupo Sistema Regional de Comunicação (Sircom). A empresa também administra em Juiz de Fora duas estações de rádio nas frequências AM e FM, além de um canal televisivo, a TVE.

De acordo com a diretora executiva Flávia Aragão, as tiragens diárias do exemplar chegam a média de 5 mil em dias de semana e 7 mil nos finais de semana. Ambos os jornais não possuem dados sobre tiragens registradas em órgãos que comprovem as tiragens relatadas anteriormente. O público-alvo do DR é voltado para as classes populares. Como o próprio nome já destaca, traz informações com foco regional, com reportagens voltadas para problemas de bairros como um todo. Ainda se preocupa em trazer conteúdo de cidades vizinhas, onde o jornal circula, bem como da capital mineira. O conteúdo também abrange notícias de cunho nacional e internacional, por meio da compilação de agências.

O jornal conta com uma equipe reduzida se comparada ao Tribuna de Minas. A equipe voltada para a captação de imagens fica a cargo de um fotógrafo sob orientação e supervisão da pauteira e editora geral, sem editorias específicas.

De acordo com a editora geral, Jaqueline Dias, a divisão de tarefas é bem definida pela equipe. “Com a equipe mais ‘enxuta’, a delimitação das atividades é clara, de forma que todos possam exercer suas funções de maneira adequada. Alguns profissionais são direcionados exclusivamente para determinadas editorias, tais como Esporte e Economia. Nas demais, os profissionais se dividem entre os temas a serem abordados em cada edição”. A produção das pautas é realizada por duas pessoas, em conjunto com a equipe, incluindo a editora geral e editora de cidade, que pontuam sugestões de temas, angulação e estilo da imagem. Nesse sentido, a repórter fotográfica também exerce papel fundamental, bem como a diretora executiva, Flávia Aragão, que contribui no direcionamento do jornal como um todo.

O envio de imagens pelos leitores é bem avaliada pelo jornal. “Muitas vezes, o leitor está *in loco* quando o acidente, por exemplo, acontece. Desta forma, após análise da veracidade do material e autorização para publicação, as imagens podem ser utilizadas e são devidamente creditadas. É importante ressaltar que não há manipulação das fotos, apenas

tratamento da qualidade das mesmas, para que a impressão fique adequada. Elas são fidedignas à captação do leitor ou fotógrafo. Também vale acrescentar que em função de política interna da empresa, o responsável pelo tratamento das imagens ‘embaça’ rostos, placas de veículos, dados de documentos, entre outros, de forma a preservar a identidade e outras informações de entrevistados ou envolvidos em demais situações”.

A utilização de imagens de leitores ocorre, em grande parte, em função das redes sociais, que aproximam leitor e empresa. “A relação se fortalece quando o público percebe que é parte importante do trabalho que está sendo apresentado. Isso ocorre não somente com as imagens, mas também com as sugestões de temas a serem abordados. O jornal, como tem perfil voltado para o esclarecimento e atendimento dos anseios da população, se vale desses artifícios, de forma a promover utilidade pública”.

A diagramação do *Diário Regional* possui o formato padrão standard. A área total de papel depois de impresso é de 56 centímetros por 32 centímetros. A capa também segue um padrão, que passa por modificações de layout em casos nos quais a redação percebe que é importante valorizar um número maior de fotos ou informações, por exemplo. “A equipe profissional e de diagramação possui liberdade para sugerir como devem ficar determinadas páginas, em especial a Capa, que requer cuidado adicional. As editoras, bem como diagramação e diretora executiva, opinam de forma que a apresentação fique atraente e adequada ao público”, explica Jaqueline.

O *website* do *Diário Regional* também é defasado em comparação ao *website* do *Tribuna de Minas*, pois apresenta somente as reportagens feitas para o jornal impresso, sem possibilidade de compartilhamento em redes sociais, por exemplo. O *website* faz transposição do material veiculado na versão impressa e determinadas notícias extras, porém, não sofre atualizações ao longo do dia.

A editora Jaqueline informou que a previsão é de que *website* seja reformulado em breve. “Há um projeto em andamento e o site terá novo formato, mais dinâmico e interativo, uma vez que se percebe a necessidade de manter o leitor informado a todo o momento. O atual site também é um espaço no qual podem ser feitas reclamações, sugestões ou tirar dúvidas. O Facebook da empresa segue a mesma linha do site, com atualizações pontuais, sendo também mais uma porta de contato com o leitor. Ele pode recorrer ao local para fazer o comentário que desejar. Isso é importante porque nos dá um feedback de como o jornal é visto”.

A Figura 10 (a seguir) mostra a composição do site do *Diário Regional*. No *website*, é possível visualizar a mesma versão impressa, sem qualquer custo financeiro.

Contudo, observa-se que a aba Notícias atual está desatualizada desde abril de 2015. Os canais de interação com o público se constituem por meio de enquetes e redes sociais, porém, também ambos defasados.



Figura 10: Site jornal Diário Regional
Fonte: Reprodução do site Diário Regional <www.diarioregionaljf.com.br>

4.3 PRINCIPAIS ACHADOS

Na comparação das capas de ambos os jornais, é possível perceber que seguem o mesmo formato standard e em páginas coloridas. A diagramação de cada jornal é diferenciada. O *Tribuna de Minas* modifica seu layout diariamente de acordo com questões estéticas nas quais se baseia em busca de atrair mais seus leitores. O *Diário Regional* mantém sua definição de layout mais padronizado, utilizando mais a questão de montagens de fotos com outros ângulos.

Depois de toda interpretação do conteúdo, algumas diferenças entre os jornais são nítidas, como a abordagem editorial de cada empresa, a utilização de imagens produzidas por terceiros, e a estrutura de quantidade de profissionais.

Enquanto o Tribuna de Minas conta com seis responsáveis só pela editoria de fotografia, o Diário Regional conta com apenas um repórter-fotográfico, além da pequena equipe que conta com quatro jornalistas, três estagiários, e uma editora geral. A partir disso, é notável o porquê da quantidade superior de utilização de imagens colaboradas pela população e cedidas por assessorias de imprensa, bem como de agências, pois é evidente a falta de estrutura profissional em conseguir deslocar a equipe e cobrir todos os fatos corriqueiros da cidade. Ainda é necessário frisar que não há repórter-fotográfico durante o período da manhã na redação. Assim, as imagens são feitas pelos próprios jornalistas ou estagiários ou cedidas por terceiros. A falta de investimento em estruturas profissionais mostra um fato preocupante e desvalorizante na estrutura do DR quanto ao uso dessas imagens produzidas por pessoas sem conhecimento técnico profissional de formação. Nota-se que o uso, muitas vezes, se faz necessário em função da relevância do assunto, mas da impossibilidade do deslocamento.

As tabelas abaixo analisam as principais temáticas de cada empresa no período relativo às 32 edições estudadas. Os temas aqui enumerados servem para definir os padrões editoriais mais usados em cada empresa.

Nos temas abordados nas edições de março do jornal *Diário Regional*, é notável em 10 edições o uso de matérias com foco na violência e, em quantidades menores, no uso de outras temáticas. Conclui-se, assim, que a temática predominante deste jornal no período analisado apresenta foco especial ligado a crimes e à violência.

Tabela 2: Linha editorial mais usada nas edições de março/2015 do *Diário Regional*

Fonte: Elaborado pela autora

A tabela abaixo apresenta a mesma análise comparativa quanto aos temas publicados no período analisado desta pesquisa. O *Tribuna de Minas*, diferente do *Diário Regional*, aborda em maior quantidade matérias sobre conscientização e educação, e só abaixo desta temática entram reportagens de cunho policial.

Tabela 3: Linha editorial mais usada nas edições de março/2015 da *Tribuna de Minas*



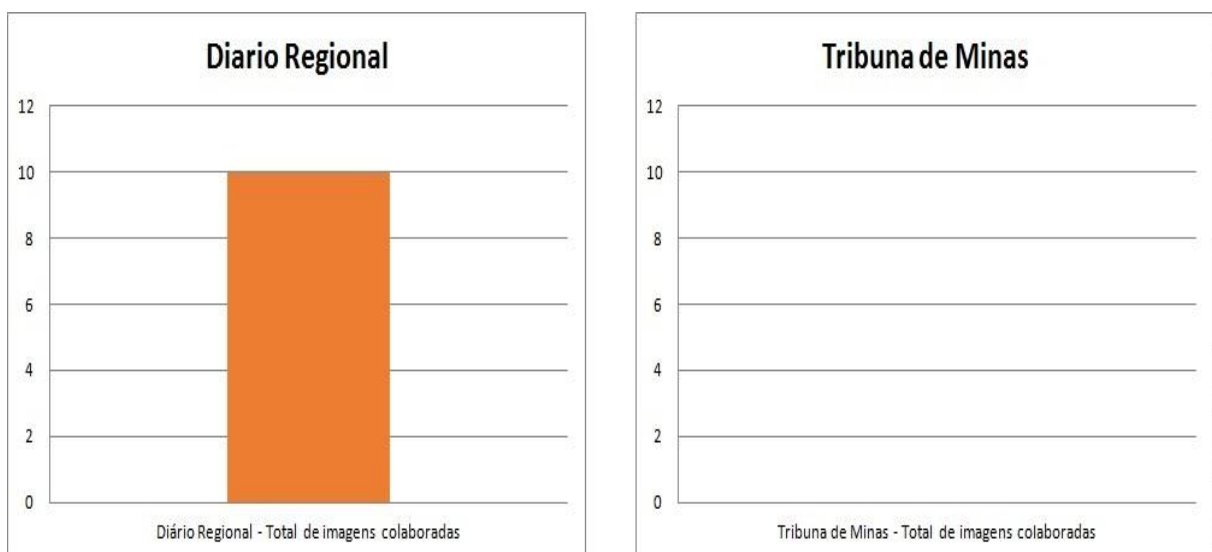
Fonte: Elaborado pela autora

Diante da participação com o envio de imagens feitas por pessoas de fora de sua equipe profissional, o jornal *Diário Regional* se mostrou mais receptivo com as imagens enviadas pelos seus leitores e pelas assessorias e órgãos policiais, mas, contudo podemos pontuar que faltam investimentos financeiros para o jornal estar nesses locais e produzir suas imagens pelo fotógrafo devidamente formado, assim como é utilizado pelo TM. É possível notar que a receptividade se dá por dois pontos principais: proximidade com o leitor (em menor grau) e necessidade (em maior grau). As análises das edições do *Diário Regional* tendem a sustentar a teoria de que notícias trágicas fazem sucesso entre as pessoas, por isso, mesmo não contendo imagens próprias ou seguindo padrões éticos, os relatos dos cidadãos passam a ser integrados com destaque preenchendo essa lacuna de profissionais habilitados, e arriscando corromper as informações contidas nas imagens.

A *Tribuna de Minas* utiliza as imagens enviadas por leitores no seu *website*, e na parte interior do impresso em uma coluna titulada “Vida Urbana”, local destinado a reclamações e flagrantes registrados pelo público. No período de análise desta pesquisa, nenhuma imagem produzida por cidadãos comuns foi encontrada nas edições impressas na capa. A prioridade nas capas são fotografias produzidas pelos fotógrafos profissionais da empresa, que por se constituírem em uma equipe maior, conseguem se deslocar mais rapidamente, não sendo necessário utilizar imagens feitas por cidadãos em momentos de acidente, por exemplo, porque possuem estrutura para efetuarem o trabalho *in loco*. Já no *Diário Regional*, a falta de estrutura impossibilita tal ação, pois uma equipe mais “enxuta”, segundo palavras da editora geral, não consegue estar em tantos locais.

A Tabela 4 mostra que o *Diário Regional* utilizou em suas capas, no período analisado, 10 imagens que foram captadas e usadas a partir de produções de assessorias de imprensa, e jornalismo colaborativo, ou seja, pessoas que enviaram fotografias de momentos em que os profissionais da empresa não puderam capturar. Na amostra analisada, o *Tribuna de Minas* não usou nenhuma imagem em sua capa cedida pela colaboração de leitores, foram todas produzidas pelos repórteres fotográficos, mas, não extingue que imagens produzidas por cidadão possam integrar destaque em uma capa desta empresa.

Tabela 4: Comparação de imagens utilizadas em parceria com o jornalismo colaborativo e assessorias de imprensa



Fonte: Elaborado pela autora

Quadro 4: Indicação das fontes das 10 imagens

Fonte das imagens cedidas:	Quantidade:
Colaborativas	4
Agência Estado	2
Assessoria da Prefeitura de Juiz de Fora	1
Movimento dos Sem Terra	1
Assessoria da Polícia Federal	1
Assessoria da Polícia Civil	1
Total:	10

Fonte: Elaborado pela autora

Diante a percepção desses dados, foi possível pontuar que a utilização de imagens cedidas por assessorias de imprensa se quantificam igualmente ao número de imagens enviadas pelo público colaborador, o que também configura a desestrutura do jornal em relação a essas fotografias. O DR emprega ambas as participações para compor sua armação fotográfica, o que indica que realmente existe uma lacuna na estruturação profissional para a produção de imagens próprias, e segue pela “parceria” de pessoas e organizações para ilustrar reportagens.

4.4 INTERPRETAÇÕES DOS EXEMPLARES IMPRESSOS

A função primordial da imagem fotojornalística é a de informar. Qualquer imagem possui informação, no entanto há uma diferença que separa uma boa imagem de uma má. Ao analisar as fotografias em jornais impressos locais, percebem-se características importantes, algumas compartilhadas, como: o mesmo formato, reportagens com abordagem iguais, etc.

Barthes (1984) afirma que o fotojornalismo é uma mensagem, e como tal é constituída de três partes fundamentais e indispensáveis, sendo elas a fonte emissora, o canal de transmissão e o meio receptor. A fonte transmissora, segundo o autor, seria o fotojornalista, ou a própria redação do meio informativo. O canal de transmissão é o meio pelo qual a fotografia chega ao público (jornal, revista, sites, entre outros) e o meio receptor é o público leitor.

Segundo o autor, além da própria imagem, há outros elementos componentes da mensagem que dão sentido à mesma, sendo, por exemplo, o título, a legenda, a paginação, e de maneira menos eloquente, porém tão importante, o nome do jornal. Entretanto, apesar desses elementos constituírem um contexto informativo do qual a fotografia é o centro, ela

não é totalmente dependente desses meios, mas depende do texto para ter sua significação completa.

[...] a estrutura da fotografia não é uma estrutura isolada; ela comunica pelo menos com outra, que é o texto (título, legenda ou artigo) de que qualquer fotografia de imprensa vem acompanhada. A totalidade da informação é, portanto, suportada por duas estruturas diferentes (da qual uma é linguística); estas duas estruturas são concorrentes, mas como as suas unidades são heterogêneas, não podem misturar-se; aqui (no texto), a substância da mensagem é constituída por palavras; lá (na fotografia), por linhas, superfícies, tons (BARTHES, 1984, p.2).

Entretanto, para que se possa ter uma noção clara e completa sobre a mensagem, é preciso que se faça uma análise sobre cada uma dessas estruturas separadamente. Para facilitar nas nomeações dos jornais, serão utilizadas as abreviações para *Diário Regional* (DR) e para a *Tribuna de Minas* (TM).

4.4.1 SEMANA 1: 1º A 7 DE MARÇO

A primeira edição analisada se refere ao dia 1º de março de 2015, domingo. O DR mantém, como em todas as suas tiragens, o formato de duas imagens na capa impressa, seguindo sempre o mesmo padrão de layout. A primeira e principal imagem traz a fachada do prédio da Previdência Social, com a matéria voltada para os leitores aposentados. A reportagem secundária traz uma imagem ilustrativa chamando para o caderno especial titulado de comportamento e cultura, em que o jornal publica todos os finais de semana. Uma das chamadas principais da capa do DR, porém sem fotografia, é o que ganha destaque no mesmo dia na edição da TM.

O *Tribuna de Minas* trabalha um layout mais livre e flexível, que modifica o tamanho de imagens e manchetes diariamente. Nos finais de semana também é publicado um caderno especial, titulado como caderno 2, com chamadas no topo da capa. Os títulos principais da capa nem sempre são ilustrados com fotos. Na edição de 1º de março, por exemplo, a manchete principal traz em sua chamada uma notícia sobre vagas de concursos, enquanto a imagem principal ilustra a derrota por 3x0 do Tupi para o Cruzeiro pelo Campeonato Mineiro.

É visível que as edições do final de semana em ambas as empresas seguem interesses contrastantes. Enquanto um o *Diário Regional* trabalha a questão de direitos e

economia, o *Tribuna de Minas* apresenta destaque no esporte local. Nas duas edições, as imagens produzidas são dos profissionais das próprias redações de cada empresa.

A segunda edição recolhida para o estudo refere-se ao dia 3 de março de 2015, terça-feira. O DR apresenta como manchete e imagem principal um atropelamento por trem na passagem da linha férrea no bairro Mariano Procópio. A imagem usada mostra um cenário aberto, ilustrando a locomotiva parada e os funcionários da ferrovia auxiliando no resgate, que se tratava de uma senhora que supostamente havia cometido um suicídio. Esta imagem em questão foi destacada com detalhe no qual era possível identificar partes do corpo da vítima. Este detalhe foi uma fotografia produzida por um cidadão comum, que enviou a imagem para o jornal. A publicação se apropriou da imagem e a creditou como reprodução de uma rede de conversas, o WhatsApp, usada como plataforma para o envio do arquivo à redação do jornal.

DIÁRIO REGIONAL

FUNDADOR: JOSINO ARAGÃO | JUÍZ DE FORA - MG | TERÇA-FEIRA, 3 DE MARÇO DE 2015 | ANO 20 - Nº 5692 | R\$1,50 | www.diarioregionalf.com.br | Diário Regional | SIRCOM

Mulher de 52 anos morre atropelada por trem

Foto: Wilian César / No detalhe: Divulgação WhatsApp



Professora universitária tentava atravessar da Rua Mariano Procópio para a Avenida dos Andradas.

ATENÇÃO
CONSULTAS MÉDICAS DE TODAS AS ESPECIALIDADES E EXAMES COM DESCONTO - MARCAMOS NO MESMO DIA.
CONVÊNIO JAD - 3216-8314

- LAVA JATO
POLÍTICA | PÁG 3
- Cunha indica que não permitirá investigação do período FHC em CPI
- "BENEFÍCIO"
POLÍTICA | PÁG 3
- Deputado propõe recuo em passagens para cônjuges após polêmica
- "ESTOQUE"
CIDADE | PÁG 5

Figura 11: Manchete Diário Regional do dia 3 de março
Fonte: Reprodução jornal impresso Diário Regional

A figura 11, trás na prática, a problemática desta pesquisa. Até onde imagens feitas por cidadãos comuns podem favorecer ou afetar a ética fotográfica? De acordo com a editora do DR, esta edição foi uma das mais vendidas do mês de março, e a imagem forte serviu como alerta para a sociedade.

Há quem não concorde com esse tipo de exposição, tendo em vista que a imagem não partiu de nenhum profissional e feriu a ética jornalística. Sob esse aspecto, seja de que forma a imagem for produzida ou veiculada, continua a ser essencial refletir sobre como se devem mostrar os acontecimentos registrados pelas lentes das câmeras fotográficas, se há limites sobre o que e como exibir.

Esse cuidado com a produção e a seleção ganha dimensão muito maior e relevante quando as imagens são produzidas para a imprensa, seja por repórteres fotográficos ou por fotojornalistas. Isso porque a prática do jornalismo carrega consigo uma função social, ligada ao exercício da cidadania, à liberdade de expressão e ao direito à informação, aspectos que podem entrar em choque em alguns momentos. Além disso, o exercício profissional pressupõe regras de conduta da atividade (BARCELOS, 2014, p. 112).

No Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, em seu Capítulo II - Da conduta profissional do jornalista, o Artigo VIII afirma que “Todo jornalista deve respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão” (FENAJ, 2007, p.1).

A abordagem deste mesmo assunto pelo *Tribuna de Minas* foi totalmente distinta. Na capa principal havia somente a chamada para a reportagem, sem nenhuma foto sobre esse assunto. As imagens desta edição apresentavam o primeiro dia de utilização dos parquímetros em Juiz de Fora, e a imagem secundária mostrava uma blitz educativa da Polícia Militar (PM) com os calouros da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

A Figura 12 ilustra uma edição totalmente voltada para o ensino e a educação.

Tribuna de Minas
 FUNDADOR: JORNAL AMÉRICO NOBES | FOLHA DE FOLHA, TERÇA-FEIRA, 3 DE MARÇO DE 2015 | ANO XXXIV - Nº 4605 - R\$ 1,30
 www.tribunademinas.com.br

GUERRA FISCAL
Zona da Mata pede tributação diferenciada
 Fiemg vai apresentar a deputados que representam a região um estudo com propostas para um modelo de desenvolvimento econômico. **Página 3**



Dificuldade no primeiro dia da Área Azul
 Multidão de fãs de Jairo pedem para que o governador não permita a realização do primeiro dia de funcionamento da Área Azul (Azul) no sábado. Entre as reclamações, estão a poluição visualmente causada pelo excesso de carros, a falta de sinalização e a ausência de informações sobre a operação. **Página 3**

Receita recebe 86 mil declarações
 A Receita Federal recebeu nesta sexta-feira 86 mil declarações de Imposto de Renda 2014 sob o EFD de Contribuintes. O número é 10% menor do que o registrado no mesmo período do ano passado, quando foram 95 mil declarações. No primeiro dia, o site apresentou falhas de acesso. **Página 3**

PROFESSORA DA UFJF MORRE ATROPELADA POR TREM
 Docente morreu na passagem de nível do Mariano Procópio. Composição ficou parada por uma hora e meia. **Página 5**

PASSAGEIROS DENUNCIAM INSEGURANÇA EM PONTO
 Usuários reclamam de assaltos e de iluminação precária em ponto sob o Viaduto do Lacer e defendem mais linhas. **Página 4**

CBF DIVULGA TABELA DO CAMPEONATO BRASILEIRO
 Primeira rodada está marcada para os dias 9 e 10 de maio. Times que atrasarem salário poderão perder pontos. **Página 10**

ARTISTAS LEVAM MURILO MENDES PARA AS HQS
 Exposição "Três muriliana" reúne 21 ilustradores locais e nacionais nas comemorações de dez anos do Mamm. **DOIS**

Servidores da UFJF fazem paralisação
 Os servidores administrativos da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) suspenderam hoje suas atividades em campus. A categoria vai se reunir no sábado para avaliar as condições que aguardam os servidores. **Página 7**

Governo planeja taxar mais ricos
 Projeto de lei do governo federal prevê a possibilidade de criar novas faixas para os contribuintes mais ricos do país. Os tributos poderão incidir sobre heranças e doações e grandes fortunas. Uma das medidas será a cobrança de 10 sobre heranças e doações. **Página 7**



Calouros da UFJF participam de blitz, em parceria com a PM, para incentivar doação de sangue. Página 5

Cunha recua de passagem para cônjuges
 Diante da repercussão negativa, presidente da Câmara quer restringir benefício. **Página 7**

PRODUTO	PREÇO
Tomate Extra	2,99
Batata Lavada	2,99
Cenoura Nacional	2,99
Abacaxi Pera	1,49
Mamão Formosa	1,49
Leite Condensado	1,99
Mel Lacta	2,99

Figura 12: Manchete Tribuna de Minas do dia 3 de março
 Fonte: Reprodução jornal impresso Tribuna de Minas

A análise da terceira edição foi relativa ao dia 4 de março de 2015, quarta-feira. As duas edições trazem neste dia a mesma notícia, um atropelamento por ônibus na Avenida Rio Branco. As formas linguísticas de direcionar o tema em cada jornal também podem ser pontuadas nesta pesquisa como objeto diferencial. O DR aponta em sua chamada principal: “Ônibus atropela e mata mulher na Rio Branco”, enquanto o TM aborda o acontecido com a manchete: “Seis atropelamentos com morte só neste ano”. É perceptível a diferença na forma de noticiar casos que envolvam mortes e acidentes.

Nas comparações visuais, o DR apresenta uma fotografia mais próxima à vítima, mas dessa vez seguindo critérios de preservação, efetuados pelo profissional fotográfico. A imagem do TM mostra a mesma cena, mas de um ângulo mais afastado e destacando a aglomeração de curiosos em torno ao acidente.

O conteúdo secundário do DR expõe uma apreensão de drogas realizada pela Polícia Federal, na mesma proporção que o TM traz uma fotolegenda de um acidente em que um ônibus coletivo colide em uma casa na Zona Norte da cidade, sem feridos.

O quarto dia de pesquisa analisou as edições do dia 5 de março de 2015, quinta-feira. O TM usa novamente o recurso de manchete principal sem imagem, o que traz desconexão com a leitura, pois abaixo do destaque textual da manchete “Jovem de 15 anos é raptada e estuprada” mostra-se uma imagem do Prefeito de Juiz de Fora em um evento da FIEMG. Abaixo desta imagem, é exposta outra manchete com destaque, também sem imagem, mas trazendo outro caso de violência – um assalto praticado com outra mulher no bairro Granbery.

O exemplar do DR mostra dados apurados de violência praticada com mulheres a partir de uma linguagem mais lúdica que o TM. No título “Três estupros são registrados em menos de cinco dias”, a notícia se liga à foto da fachada do prédio da Delegacia da Mulher. O conteúdo abordado como seção secundária nesta edição ilustra estudantes da UFJF em reunião, reivindicando apoio estudantil. A fotografia acompanha montagem com destaque para os cartazes feitos pelos alunos.

Acidentes e morte são novamente noticiados no dia 6 de março de 2015, sexta-feira. A TM ilustra com manchete principal e imagem acidentes acontecidos nas principais vias da cidade. Na chamada é apresentado o título “JK campeã de mortes; Rio Branco de acidentes”. A fotografia utilizada apresenta uma borda vermelha, com intenção de chamar a atenção para a imagem que ilustrava, em formato de montagem, três imagens onde é possível observar os procedimentos para que fosse retirado por debaixo do carro o idoso que foi atropelado e arrastado por um veículo.

A segunda imagem do TM expõe escolas com problemas de infraestrutura, onde políticos do estado de Minas Gerais vieram fazer uma visita para incorporar mudanças junto a Comissão de Educação. Seguindo este gancho, o DR deu destaque para esta inspeção, dando como matéria principal seguida de uma imagem dos legisladores, com destaque para os problemas estruturais da escola. Reportagem secundária do DR expõe manchete sem imagem, e uma terceira abordagem com um acidente com fotos enviadas por um leitor do

jornal, mais uma vez dando espaço para a participação do jornalismo cidadão, sem considerar normas éticas e estéticas.

4.4.2 SEMANA 2: 8 A 14 DE MARÇO

As capas que ilustram o final de semana relativa aos dias 8 e 9 de março, novamente, têm temas individualizados. A TM alerta sobre cuidados com o abastecimento de água; como as nascentes desprotegidas põem em risco os mananciais. A imagem é a única desta edição e traz consigo informações passíveis de interpretação, pois ilustram uma nascente e a beira de uma estrada, com caminhões e poluição.

Já o DR apresenta, como matéria principal, dados que preocupam taxistas da cidade sobre o crescimento no número de assaltos com maior teor de violência nas ações. Ambas as edições desta data trazem apenas uma única imagem como ilustração visual. Por este exemplar, é possível notar como em uma semana de estudo o maior teor de notícias do DR busca priorizar matérias sobre índices de violência, e casos referentes a crimes na cidade.

Nesse primeiro momento da pesquisa, observou-se que o DR privilegia, como tema de suas principais capas, reportagens sobre violência e crimes. Em contrapartida, os temas trazidos pela concorrente TM priorizaram matérias com temáticas de esporte, entretenimento e conscientização. Os parâmetros editoriais entre as empresas já podem ser estabelecidos como diferentes: um jornal mais sensacionalista e policial e o outro mais sensato, com matérias de conscientização, educação e política.

Na edição seguinte, no dia 10 de março de 2015 (terça-feira), os jornais trazem em suas manchetes principais com temas totalmente diferentes um do outro. O DR traz em manchete principal uma denúncia da falta de professores em uma escola municipal, e ilustra esta chamada com a fachada da referida escola. Sobrepondo a primeira reportagem, se expõe a fachada da Câmara Municipal de Juiz de Fora, remetente à matéria sobre a discussão dos legisladores para a criação de uma delegacia especializada na proteção de crianças e adolescentes. Outra chamada de capa, que não usa destaque de texto nem de imagem para o DR, é a que a TM explora como imagem secundária da sua edição.

A TM continua com o formato de texto principal sem acompanhamento de imagens sobre o mesmo assunto, o que nesta análise foi interpretado como risco de confundir o leitor que olha a manchete “Homem esfaqueia condutor e toma direção de ônibus” e, logo abaixo, visualiza uma imagem sobre chuva e inundações pela cidade. A reportagem secundária traz uma imagem com intuito de conscientizar a população após a Secretária de

Atividades Urbanas (SAU) flagrar um caminhão despejando entulho em terreno impróprio. A imagem traz toda a informação com detalhes e ilustra um fiscal supervisionando o local. Para chamar a atenção do leitor, esta imagem traz uma borda vermelha e a legenda em um tamanho maior.

A Figura 13 ilustra essa estrutura adotada pelo jornal na relação entre texto principal e imagem central de outra reportagem.

INSCRIÇÕES ABERTAS PARA CONCURSOS DA UFRJ E DO MPT
São oferecidas nove vagas para procurador do Ministério Público do Trabalho e 27 para professor substituto. PÁGINA 8

RJF NÃO FALA SOBRE BOATO DE SAÍDA DE JOSÉ LAERTE
Secretário de Saúde e Prefeitura teriam se reunido ontem no final da tarde e início da noite. Informação circula desde o fim da semana. PÁGINA 5

CBF DIVULGA TABELA DA SÉRIE C DO BRASILEIRO
Tupi estreia fora de casa, contra a Tombense. Grupo também tem Portuguesa, Guarani e Juventude. PÁGINA 10

PALAVRA CANTADA FAZ SHOW EM JF NESTE DOMINGO
A dupla Sandra Pires e Paulo Taill comanda o espetáculo no Central, com sucessos e músicas novas, além de gravações em 3D. DOIS

SAU interdita terreno no Teixeira após fiscais flagrarem caminhão despejando entulho no local. Página 6

Dilma: é preciso razão para impeachment
Para presidente, panelaço faz parte da regra democrática; mas 3º turno acabou. Página 5

DÓLAR COMERCIAL: Compra R\$ 1,07. Venda R\$ 1,10. **PARALELO:** Compra R\$ 1,06. Venda R\$ 1,06. **TURISMO:** Compra R\$ 2,99. Venda R\$ 1,00.

Figura 13: Manchete Tribuna de Minas dia 10 de março
Fonte: Reprodução jornal impresso Tribuna de Minas

Esse tipo de imagem se define como imagem fotojornalística, pois usa a sua definição primordial, que é a de informar. O fotojornalista deve produzir uma imagem pensando-a como meio ou mecanismo de informação. Kobre (2011, p. 264) explica que:

No fotojornalismo, normalmente, se aborda pautas quentes e factuais. Nela o repórter-fotográfico deve dialogar rapidamente entre o texto e a imagem para fazer a cobertura, além de seguir rigorosamente a pauta, não é possível criar ou inventar outra notícia. Cada pauta exige do profissional o olhar ágil e informativo para traduzir a imagem em palavras.

Qualquer desatenção na produção dessa imagem pode fazer com que o leitor perca o interesse em comprar o jornal impresso, por isso a imagem de capa bem trabalhada representa grande valia para os jornais.

O *Diário Regional* de 11 de março de 2015 (quarta-feira) abre novamente com o viés caracterizado como jornalismo policial, com a operação realizada pela Polícia Militar (PM) que descobriu uma casa usada como laboratório para refino e preparo de drogas. A imagem mostra com minúcia os materiais apreendidos, assim como toda a droga encontrada pela guarnição. Mais uma vez a edição traz a público o trabalho da PM em combate a criminalidade no município. A imagem secundária desta edição apresenta a Delegada da Delegacia especializada em crimes contra a mulher, com a manchete de mais um caso estupro. Sem mais detalhes visuais neste exemplar.

O Jornal *Tribuna de Minas*, sem ilustrações, apresenta como título principal “Juizforano se acomoda e mantém gasto com água”, e abaixo ilustra uma imagem de um acidente entre dois helicópteros na cidade de Villa Castelli, próxima à cordilheira dos Andes, a cerca de 1.170 quilômetros ao noroeste de Buenos Aires, capital argentina. O acidente matou 10 pessoas, entre elas atletas franceses. A fotografia foi produzida por uma agência de notícias, sendo então a primeira aparição de imagens na capa deste jornal que não foi produzido por seus próprios fotógrafos.

Esta aparição é algo inovador na semântica editorial abordada nesta análise, pois o acidente foi em outro país, e teve destaque nesta edição, pontuando uma reportagem de caráter internacional. Em sequência, a produção desta edição apresenta uma reportagem regional com reclamações de moradores da área central de Juiz de Fora. A imagem, com borda laranja, ilustra o descarte de três sofás em uma praça no bairro Paineiras.

A 9ª edição avaliada se refere ao dia 12 de março de 2015 (quinta-feira). A TM ilustra como imagem principal as chuvas que caíram na cidade e causaram diversos danos ao trânsito na Avenida JK, Zona Norte. A imagem apresenta um tamanho maior e informa visualmente os danos acarretados no trânsito com uma fila longa de congestionamento e a avenida alagada. Na reportagem secundária, o enfoque é no esporte com informações sobre o time local, o Tupi. A imagem congela o principal jogador do time se desviando de outros dois jogadores do time oposto, e apresenta a luta e garra do jogador na tentativa de vencer a partida. Clique exato realizado pelo fotógrafo registra mais uma vez o ponto de que o fotojornalismo deve informar visualmente para que o texto seja apenas o complemento do ato que a fotografia já informou aos seus leitores.

As edições do DR dos dias 12 e 13 de março constroem informações de crimes novamente. No dia 12, a imagem principal se liga à matéria do julgamento do suspeito de matar e enterrar o pai. Na ilustração deste tema é apresentado a fachada do fórum com o veículo oficial da Polícia Civil (PC). A reportagem secundária ilustra outra aparição policial, desta vez sobre jogos de azar. A imagem apresenta ao leitor o apartamento onde foram encontradas 15 máquinas caça-níqueis.

No dia 13 de março, o jornal exhibe três reportagens policiais. A primeira: “Dois homens e três menores envolvidos em assassinatos são detidos”. As imagens ligadas a essa manchete expõem os dois homens sendo encaminhados à delegacia regional da cidade. A segunda e terceira reportagens trazem as imagens reduzidas em relação a principal, mas com a mesma temática, suspeito de estupro sendo preso e a imagem posterior apresentada um vasto material de substâncias tóxicas sendo capturadas pela Polícia Civil.

A Figura 14 indica uma capa somente de caráter policial, tema principal analisado nessas edições de março referentes ao DR.



Figura 14: Manchete Diário Regional do dia 13 de março
Fonte: Reprodução jornal impresso Diário Regional

4.4.3 SEMANA 3: 14 A 22 DE MARÇO

A última semana avaliada começa na edição de domingo, 15 de março de 2015. As manchetes de ambos os objetos de estudo são diferentes. O TM aborda como tema principal uma denúncia pública de vias com asfaltos vencidos há mais de 20 anos. Na ilustração visual o fotógrafo captura uma via muito movimentada da cidade com ênfase no asfalto todo trincado. A imagem segue um esquema visual diferenciado onde é possível acompanhar o movimento dos veículos, pois a fotografia foi tirada com longo tempo de exposição, dando o caráter de movimento ao instante captado.

O layout desta edição se diferencia dos outros exemplares aqui analisados, que usam uma manchete principal e abaixo outra imagem que não se ligam ao texto do início da página. O título principal é: “Asfalto está vencido há 20 anos”, e logo abaixo relaciona a imagem com a legenda: “Motoristas sofrem com depressões e lombadas mesmo nos corredores mais movimentados, como a Rua Paracatu”. Como matéria secundária, o jornal utiliza a chamada para seu caderno especial, que aborda temas de cultura com a reportagem da inauguração da primeira praça modernizada na Zona Norte da cidade. Na imagem é possível visualizar a fachada do local, assim como apresenta bem as cores e artes presentes neste local.

O DR da referida data destaca conteúdo jornalístico relacionado a aposentadorias e economia. A matéria principal se refere ao Imposto de Renda, ilustrando a reportagem havia uma foto da fachada do Ministério da Fazenda. A segunda reportagem, assim como fez o TM, faz a chamada para o caderno especial, com a representação de uma foto ilustrativa como gancho para a matéria sobre empregos.

Às segundas-feiras nenhuma empresa produz jornal. Na terça-feira, 17 de março, é possível pontuar uma reportagem e imagem iguais nas duas capas. O DR abre com a reportagem sobre um homem que sequestrou um ônibus no início do mês. Este mesmo indivíduo, que teria esfaqueado um vizinho antes deste crime, foi preso pela Polícia Civil (PC). A manchete é: “Homem esfaqueou vizinho antes de atacar motorista e sequestrar ônibus”. A imagem é o criminoso algemado de costas, a mesma fotografia foi utilizada pela TM, que colocou essa reportagem com menos destaque e imagem menor no formato de segunda manchete da sua edição.

Ainda no DR desta edição, a reportagem secundária traz uma imagem enviada por um leitor sobre manifestações populares. A fotografia devidamente creditada ao leitor Joubert Telles, mostra exatamente o que esta pesquisa tem o intuito de esclarecer: a parceria com os

olhares dos populares pelas redações jornalísticas. A imagem traz requisitos básicos dos fotojornalistas, a de informar, além de ser produzida por alguém que é testemunha do ato que ocorreu, neste caso uma manifestação que reuniu 2 mil pessoas participando do ato pela busca da reforma política no país.

A fotografia traz informações exatas do local da manifestação, assim como o registro da população reunida com camisas do Brasil, bandeiras e apitos, expressando legalidade com o movimento registrado. Nesse caso, é possível perceber que a ação foi realizada no domingo, quando as redações não funcionam, e que com a contribuição desse “jornalista cidadão” foi possível trazer um registro fotográfico para essa matéria, registro o qual seguiu as normas éticas, sem qualquer tipo de manipulação.

A capa da Figura 15, referente a 17 de março do *Diário Regional*, aponta novamente a temática policial como manchete principal. Na reportagem secundária, é notável a presença de uma imagem enviada por um cidadão comum sobre manifestações populares. Esta fotografia traz recursos positivos sobre a interação do público com a empresa.

DIÁRIO REGIONAL

FUNDADOR: JOSINO ARAGÃO | JUÍZ DE FORA - MG | TERÇA-FEIRA, 17 DE MARÇO DE 2015 | ANO 25 - Nº 5703 | R\$ 1,00 | www.diarioregional.com.br | Diário Regional | SIRCOM

NO CERESP

Homem esfaqueou vizinho antes de atacar motorista e sequestrar ônibus

Suspeito teria entrado no ônibus para fugir do flagrante. Prisão preventiva do agressor será solicitada, uma vez que ele será indiciado por homicídio duplamente qualificado. Homem teria demonstrado frieza.

POLÍCIA CIVIL MINAS GERAIS

URGENTE: DESCONTO NAS CONSULTAS MÉDICAS, EXAMES, RELAÇÃO DE MÉDICOS CONVENIADOS NA BANCA DE JORNAL POR APENAS 5,00

MARCAMOS NO MESMO DIA **CONVENIO JAD**

Tupi vence por 3 a 0 Villa Nova e comemora

ESPORTE | PÁG 8

Contrariando planos Torneio de futebol dos Jogos Olímpicos vai acontecer em sete estádios

BRASIL/ MUNDO | PÁG 6

ABERTA AO DIÁLOGO

POLÍTICA | PÁG 3

Presidente admite que governo pode ter cometido erro na área econômica

CIDADE | PÁG 5 PARALISAÇÃO

Escolas municipais permanecem em greve em JF após reunião

CIDADE | PÁG 5 ZONA SUL

Adolescente de 17 anos é esfaqueado após discussão no São Mateus

CIDADE | PÁG 4 POLÍCIA MILITAR

Menor é apreendido vendendo drogas em lote vago no Bairro Grajaú

CIDADE | PÁG 5 DUPLA

Homem é agredido com coronhada e tem moto roubada

COMBATE À CORRUPÇÃO

CIDADE | PÁG 4

Especialistas defendem manifestações sem discursos extremistas

De acordo com a Polícia Militar, cerca de 2 mil pessoas em Juiz de Fora participaram de ato que busca reforma política. Estudiosos se preocupam com discursos extremistas e defendem a legalidade do movimento.

Figura 15: Manchete Diário Regional do dia 17 de março
Fonte: Reprodução do jornal impresso Diário Regional

O TM modificou novamente seu layout, trazendo dessa vez uma imagem em tamanho maior no topo de sua capa e abaixo dela o texto principal com tamanho menor que as usadas normalmente. A reportagem informava sobre a alta nos termômetros da cidade, e foi capturada por uma lente que amplia a área fotografada, conhecida como “olho de peixe”. Na Figura 16, é possível ver como há elementos importantes para a matéria, com a composição de pessoas se protegendo do sol com sombrinhas e, ao fundo, o termômetro assinalando a temperatura. Em segundo destaque, há um homem preso por ter esfaqueado e sequestrado o motorista de um ônibus. A imagem segue igual ao DR, mas com menor dimensão e destaque.

Tribuna de Minas
 FUNDADOR: ERANCY AZEVEDO NEVES | 116 DE JULHO, TERÇA-FEIRA, 17 DE MARÇO DE 2014 | R\$0,5000 - R\$0,6000 - R\$1,2000
 www.tribunademinas.com.br

ILHAS DE CALOR NO CENTRO
Getúlio até 7 graus mais quente
 Diferença é percebida na comparação da via com a estação instalada no Campus da UIFJ. Oito pontos da área central são monitorados nas quatro estações do ano. **Página 3**

CÂMARA PREPARA CONCURSO PARA 2015
 Comissão ainda analisa o número de vagas a serem abertas no certame. **PÁGINA 6**

ENCONTRADO CORPO DE CRIANÇA EM CÔRREGO
 Menino de 1 ano estava preso a garfos próximo ao Rio Paratubuna. **PÁGINA 4**

MPF denuncia mais 27 na décima fase da 'Lava Jato'
 Brasília (DF) - O Ministério Público Federal (MPF) denunciou nesta terça-feira (17) mais 27 pessoas em conexão com o esquema de corrupção que envolveu a contratação de obras de infraestrutura para a Copa de 2014. **PÁGINA 7**

Greve afeta rotina de 44 mil alunos na cidade
 Belo Horizonte (MG) - A greve dos professores da rede municipal de ensino afetou a rotina de 44 mil alunos na cidade nesta terça-feira (17). **PÁGINA 4**

Duas casas assaltadas em um intervalo de três horas
 Belo Horizonte (MG) - Duas casas foram assaltadas em um intervalo de três horas nesta terça-feira (17). **PÁGINA 4**

Dilma propõe diálogo e reforma política
 Ao falar sobre protestos, presidente lembra luta pela democracia e admite "erro de dosagem". **Página 7**

Pão de sal está, em média, 8% mais caro, com o quilo custando até R\$ 13,90. Página 4

APLICATIVO REÚNE DADOS SOBRE BARES DA CIDADE
 Nova página, 24 horas, traz dados sobre bares e restaurantes. **PÁGINA 9**

CENOURA, MACA GALA, PECTAR, MANIQUINHO, 2x Preço

CENOURA	2,49	PECTAR	1,89
MACA GALA	2,49	MANIQUINHO	0,29

Figura 16: Manchete Tribuna de Minas do dia 17 de março
 Fonte: Reprodução do jornal impresso Tribuna de Minas

Na edição do dia 18 de março de 2015, tanto as reportagens quanto as imagens de ambos os jornais são distintas. O DR segue com a temática policial, e abre a Capa com uma operação da Polícia Civil (PC) que prendeu seis homens suspeitos de homicídios na cidade. A imagem enviada pela assessoria da PC apresenta os seis criminosos de costas, seguindo a norma de privacidade dos envolvidos. É possível analisar que esta fotografia não fere nenhuma ordem ética, porém, mas sugere ter sido produzida por um celular de baixa qualidade, haja vista a imagem escura. Pontuando mais uma vez os dados da pesquisa, é possível identificar uma nova colaboração de imagens nas redações do DR, desta vez, por um órgão de assessoria.

Na segunda imagem apresentada, também visualizamos uma imagem enviada por outra assessoria, desta vez da Prefeitura de Juiz de Fora. A fotografia exhibe uma reunião onde foram apresentados os dados sobre os focos de dengue na cidade.

O TM aponta outras manchetes. A primeira trata da nova licitação de táxis. A fotografia em destaque, com bordas amarelas, exhibe uma grande fila onde taxistas de toda a cidade levaram propostas à Prefeitura de Juiz de Fora. A legenda, com um tamanho maior que o normal, indica: “Licitação recebeu 922 propostas para 105 novas placas”. Na segunda manchete, o layout do jornal novamente é alterado para o padrão de título principal sem imagem, abordando o levantamento dos dados da dengue, e logo abaixo desta informação segue a segunda imagem desta capa que repercute sobre preços de combustíveis. Esse tipo de formato compromete o entendimento das informações, pois, nesta segunda imagem se ilustra uma placa com preço da gasolina comparada ao diesel e somente abaixo, em uma legenda em tamanho menor, é explicado o porquê da imagem. Essas informações ficaram soltas em meio a títulos e imagens.

Os exemplares do DR dos dias 19 e 20 de março expõem a mesma linha editorial policial novamente. Na primeira capa é exposta uma montagem com duas imagens, a primeira explora produtos que a Polícia Civil (PC) apreendeu em combate a pontos de tráficos da cidade, e a segunda apresenta os envolvidos presos nessa ação. Em imagem secundária na edição do dia 19 é exibida uma imagem de arquivo do DR da fachada do Hospital e Maternidade Terezinha de Jesus.

Na imagem secundária do dia 20 é utilizada uma fotografia creditada a Tiago Queiroz/Agência Estado, que ilustra uma reportagem sobre manifestações e bloqueios em rodovias do estado de Minas Gerais. Na imagem do profissional da agência se ilustram materiais incendiados em meio a estradas.

A TM do dia 19 de março aborda novamente o formato de título principal sem imagem, com a manchete: “Professor fica parado até a próxima semana” e, abaixo deste título, segue uma montagem com três imagens de um assalto ocorrido no bairro Jardim de Alá. Nas duas primeiras imagens, é possível notar que foram utilizadas imagens da câmera de segurança da padaria assaltada onde se visualiza o assaltante com uma arma apontada. Esse tipo de imagem traz outro tipo de participação para o jornal, pois integra a realidade capturada no momento que o crime ocorreu, oferecendo maior possibilidade para a interpretação do leitor. A terceira imagem, capturada pelo fotógrafo da TM, mostra de um ângulo acima da padaria a movimentação da Polícia Militar (PM) e a curiosidade da população ao redor. Na imagem secundária, o destaque é para a editoria de Esporte que, em colaboração com a Agência Estadão, ilustra jogador do Flamengo comemorando com a torcida o gol que abriu o caminho para a vitória do time.

No dia 20 de março o TM exhibe como título principal: “Verão termina com calor até 5° acima da média”, sem exibição de imagem. A primeira imagem desta edição explora a montagem de um bicicletário no bairro São Mateus. A fotografia mostra o pedreiro da Prefeitura de Juiz de Fora executando o trabalho. A segunda imagem se refere a uma fotografia capturada na área central, em cima das marquises do Calçadão da Rua Halfeld. Nesta imagem é perceptível a diferença que leva a reportagem a fazer uso de imagens, pois é notável através da fotografia o quanto de acúmulo de lixo e água nesses locais pode agravar problemas com a dengue na cidade.

No último dia de análise deste estudo, as duas edições trazem matérias sobre trânsito. O TM utiliza como manchete principal: “Juiz-foranos estão mais mal-educados no trânsito”, mas não há imagens na reportagem. Esta Capa traz somente uma imagem abaixo desta notícia que se relaciona à via sacra realizada por fiéis no Morro do Cristo. A fotografia, em um formato maior, congela os fiéis cantando e exaltando durante a caminhada.

O DR utiliza como título: “Veículos roubados são usados por bandidos para cometer outros crimes”, ilustrando essa matéria com uma fotografia capturada de veículos em um dos pontos de trânsito intenso na cidade. A reportagem secundária é acompanhada da chamada para o caderno especial que aborda tema sobre como o excesso de sensualidade pode trazer malefícios à vida profissional, com imagem ilustrativa.

Os achados desta pesquisa apontam que dos dois jornais seguem linhas editoriais diferentes. O *Diário Regional* é um jornal mais popular, que prioriza conteúdo de cunho social e policial. Em contrapartida, o *Tribuna de Minas* privilegia abordagens sobre questões de educação e conscientização. O layout do DR se mantém sempre o mesmo, com poucas

diferenciações gráficas, já o TM investe em uma diagramação diferenciada diariamente, que às vezes confunde as maneiras narrativas do conteúdo noticioso.

A participação em conteúdos colaborados pelo público em geral é mais abrangente nas edições do DR, que utiliza em grande escala conteúdos enviados pelo jornalismo cidadão. Esse conteúdo, quando usado de maneira correta em termos de ética jornalística, pode sim contribuir e muito na democratização dos meios de comunicação nos dias atuais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs apontar o funcionamento, os critérios éticos, como se estrutura profissionalmente, e como é feita a produção, diante a participação do jornalismo colaborativo nas redações de Juiz de Fora. As duas empresas pesquisadas foram comparadas em suas rotinas e estruturas em busca de compreender como cada jornal tem se adequado às novas tecnologias da comunicação e como tem lidado com a participação do cidadão comum como aliado nos processos jornalísticos.

Percebe-se que em inúmeras situações a fotografia vem sendo tratada de modo banal. Muitos registros são feitos sem conhecimento técnico ou preocupação ética. Apesar disso, a tecnologia digital aumentou as possibilidades dentro do mundo da fotografia, com diferentes formatos de equipamentos e permitiu a uma parcela maior da população praticar esta atividade.

O advento das novas tecnologias da comunicação, a facilidade de acesso a elas e os avanços conquistados geraram novas demandas para o jornalismo. Leitores, telespectadores, ouvintes e internautas não querem apenas receber informações prontas e consumi-las passivamente. Querem ajudar a decidir o que vai se tornar pauta e esperam participar dos processos de construção das notícias. Por essas razões é que surgiu uma nova modalidade de jornalismo, responsável por atender a essa expectativa. Trata-se do jornalismo cidadão, chamado também jornalismo colaborativo, feito pelo público e veiculado em diversas mídias.

Mas para oferecer um produto editorial que vá ao encontro dos interesses dos leitores, o jornal não só precisa saber o que esse público espera como também necessita que ele se torne parceiro no processo de construção da notícia. Ao reivindicar melhorias para o bairro onde mora ou ao procurar preservar laços culturais do lugar onde vive, o leitor promove uma inter-relação com o veículo jornalístico e, juntos, se tornam multiplicadores das urgências e demandas. Porém, existem consequências em utilizar imagens produzidas por pessoas sem formação profissional, pois, acabam provocando problemas éticos, como a preservação da imagem, e respeito diante as fontes e os fatos.

O *Diário Regional* apresentou um número maior de interações com os cidadãos comuns, dando essa visibilidade às imagens produzidas e enviadas à redação, entretanto, foi possível notar como a falta de estrutura econômica pode deixar a desejar na construção jornalística. O *Diário Regional* apresentou uma edição com problema ético, pois expôs em demasia uma cena que merecia mais cuidado, sensibilidade e profissionalismo. Em

consequência dos resultados, é importante indagar sobre a vinculação dos fatos noticiosos e a ética jornalística.

Esta pesquisa pontuou que essa nova interação das pessoas com o âmbito jornalístico é bem-vinda, desde que editores analisem a veracidade e critérios dessas imagens e notícias, para que elas atendam aos padrões de respeito e preservação dos direitos sociais.

A *Tribuna de Minas* não usou imagens produzidas por cidadãos em suas capas, porém, utiliza as imagens recebidas de terceiros em seu *website*, e na parte interna do jornal, mas afirmou que em casos de extrema necessidade de ilustrar uma reportagem, eles também praticam o uso de imagens colaboradas, mas de forma ponderada.

O uso das imagens feitas por celulares também é um assunto que as duas empresas ainda não dialogam igual, pois a TM usa esse recurso como ferramenta para agilizar notícias *online*, e o DR não disponibiliza desses recursos. Em alguns casos, as imagens de capa foram produzidas por celulares.

O panorama atual aponta que o modo de fazer jornalismo está passando por um período de mudança, no qual ainda não é possível definir o seu traçado futuro. É perceptível, contudo, que as pessoas comuns estão interferindo e participando no fazer jornalístico, e os profissionais locais ainda buscam formas de adequação e recepção da participação do jornalismo cidadão em seus veículos de comunicação.

A influência percebida na pesquisa foi que o jornal *Diário Regional* recebe e publica diversos materiais enviados pela colaboração dos cidadãos, mas que, em alguns casos, não sabe ainda aplicar comportamentos éticos como aqueles que profissionais fotográficos utilizariam para cada tipo de imagem, em contextos específicos. As seleções das imagens ficam a cargo das editoras de cidade, editora geral e diretora executiva, que procura fazer uma combinação entre interesses jornalísticos e o que os cidadãos comuns consideram como importantes.

O jornal *Tribuna de Minas* manifestou-se mais criterioso em reproduzir nas suas edições impressas as imagens enviadas pelos cidadãos comuns, pois zelam pela profissionalização das imagens pelos seus funcionários para que não pontuem problemas com ética. Em suas capas, foram usadas somente imagens produzidas por profissionais fotográficos, e as imagens reproduzidas pelos colaboradores cidadãos só foram encontradas na versão on-line da empresa, e na parte interior do exemplar.

A principal contribuição do estudo reside na conclusão de que os critérios de recepção, seleção e apropriação das imagens são ditados por fatores estruturais e econômicos das empresas jornalísticas. Nesse sentido, o “jornalismo colaborativo” está, na verdade,

preenchendo uma lacuna de investimentos em equipes de profissionais habilitados que as empresas jornalísticas locais deveriam ter, em vez de ser reconhecido como, realmente, vozes democráticas influenciando no fazer jornalístico.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. ; HORKHEIMER, Max. **Indústria Cultural e Sociedade**. Tradução de Maria Helena Ruschel. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- ALMEIDA, Cláudia Teixeira. BONI, Paulo César. **A ética no fotojornalismo da era digital**. Discursos fotográficos, Volume 2, Londrina. 2006.
- AGÊNCIA NACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES – ANATEL. Dados comunicação e multimídia**. Disponível em: <http://ftp.anatel.gov.br/dados/Acessos/Comunicacao_Multimidia>. Acesso em 18 jun. 2015.
- ANDRADE, Joaquim Ferreira. **História da fotorreportagem no Brasil**: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900, Ed 3. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- ANJOS, Paula de Almeida. Processos fotográficos e poéticos: utilização do princípio de reprodutibilidade técnica na fotografia a partir de Fox Talbot. In: Anais do XVII **Encontro de Iniciação Científica**. Campinas, II Encontro de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação, 2012.
- AUMONT, J. **A Imagem**. Campinas - SP: Papyrus, 1993.
- BAKHTIN. Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992a.
- BAKHTIN. Mikhail. **Marxismo e a filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992b.
- BARCELOS. Janaina Dias. **Por um fotojornalismo que respeite a dignidade humana**: a dimensão ética como questão fundamental na contemporaneidade. Londrina, Volume 10. Dissertação Mestrado pela Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BARTHES, Roland. **A Mensagem Fotográfica**. In: Luis Costa Lima (Org.). **Teoria da Cultura de Massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 325-338.
- BAUER, Martin. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Eds.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: ADORNO et al. **Teoria da Cultura de massa**. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 221-254.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Ensaios sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas. 1ª ed. 1985 - 10ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BENJAMIN, Walter. – **Pequena História da Fotografia**, edição original alemã 1931. São Paulo: Editora Mauad, 2008.
- BESSA, Dante Diniz. **Teorias da comunicação**. Brasília: Universidade de Brasília, 2006.
- BORDENAVE, Juan E. Diaz. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- BORGES, Mel. **História & Fotografia**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

BRAMBILLA, Ana Maria. **Jornalismo open source**: discussão e experimentação do Ohmy News International. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Informação, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2006.

BRUNET, Karla Schuch. Fotografia por celular: questionando novas práticas e dinâmicas de comunicação. In: Anais do XXX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (INTERCOM), Santos – SP, 2007.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: História e imagem. Bauru – SP: Editora da Universidade do Sagrado Coração (EDUSC), 2003.

BUSSELLE, Michael. **Tudo sobre fotografia**. São Paulo: Pioneira, 2001.

CARTIER – Bresson, Henri. **O olhar do século**. In: Pierre Assouline (Org.). São Paulo: Coleção L&PM Pocket, 2012.

CARTIER – Bresson, Henri. **El momento decisivo**. Disponível em: <<https://fotojornalismojf.files.wordpress.com/2007/09/el-momento-decisivo.pdf>>. Acesso em: 15 de jun. 2015.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHAUÍ, Marilena. **Um convite à filosofia**. Introdução II: princípios e análise. São Paulo: Ática, 2002.

COELHO, Alexandra. Agora somos todos bons fotógrafos? **Jornal Agora [2012]**. Disponível em: <<http://www.publico.pt/mundo/jornal/agora-somos-todos-bons-fotografos-24356208>> Acesso em: 10 mar. 2015.

COLUCCI, Júnior José. Tecnologia e hipocrisia digital. **Observatório da imprensa**, [2003]. Disponível em: <<http://www.observatorioidaimprensa.com.br/artigos/fd090420032.htm>> Acesso em 15 mai. 2015.

COUCHOT, Edmond. A segunda interatividade. Em direção a novas práticas artísticas. In: DOMINGUES, Diana (Org.). **Arte e vida no século XXI**: tecnologia, ciência e criatividade. São Paulo, 2003.

COUTINHO, Guedes Maristela. **Photosynth**: A tecnologia de imersão como fator de mudança no fotojornalismo. Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, 2010.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

DUBOIS, Philipper. **O ato fotográfico**: e outros ensaios. São Paulo: Papiрус, 1993.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. Código de ética dos jornalistas Brasileiros. Disponível em: <fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf>. Acesso em: 5 mai. 2015.

FELZ, Jorge. Fotojornalismo: da imagem documento à imagem espetáculo. In: Anais na **Confederação Ibero-Americana das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação (CONFIRBECOM)**, 2011. Disponível em: <<http://confibercom.org/anais2011/pdf/180.pdf>> Acesso em: 20 abr. 2015.

- FÍGARO, Roseli. **Comunicação e Trabalho para mudanças na perspectiva sociotécnica**. São Paulo: Anita Garibaldi, 2010.
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta**: Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- FOSCHINI, Ana Carmen; TADDEI, Roberto Romano. **Jornalismo cidadão**: você faz a notícia. São Paulo: Coleção Conquiste a rede, 2006.
- FREUND, Gisele. **Fotografia e Sociedade**. Coleção Comunicação e Linguagens. Lisboa: Veja, 1995.
- GARCEZ, Helena. **A escrita e o outro**: os modos de participação na construção do texto. Brasília: UNB, 1998.
- GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**: leitura e produção – 3º ed. Cascavel: Assoeste, 1984.
- GURAN, Milton. **Fotografia e pesquisa antropológica**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1986.
- HARREL, Thomaz. **Manual de fotografia**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2002.
- KOBRÉ, Kenneth. **Fotojornalismo**: uma abordagem profissional. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- KOSSOY, Boris. Fotografia. In: A. Citelli, C. Berger, M. A. Baccega, M. I. Vassalo Lopes e V. V. França (Orgs.). **Dicionário de comunicação**. São Paulo: Contexto, 2014, p 271 – 277.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- LEITE, Mirian L. M. **Retratos de Família**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 1993.
- LEITE, Enio. **Concepções e historia da fotografia**: [1975]. Disponível em: <stoa.usp.br/escolafocus/weblog/50093.html>. Acesso em: 15 Mar. 2015.
- LIMA, Ivan. **Fotojornalismo brasileiro**: realidade e linguagem. Rio de Janeiro: Fotografia Brasileira, 1989.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). 2008. Manual de linguística. São Paulo: Contexto.
- MENDES, Teresa. Do daguerreótipo ao protótipo: elementos sobre a digitalização da fotografia. **Caleidoscópio Revista de Comunicação e Cultura**. Lisboa: 2002.
- MORAIS, Erivam. Da fotografia analógica à ascensão da fotografia digital. In: **Anais da Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação (BOCC)**. Disponível em: <bocc.ubi.pt/pag/oliveira-erivam-fotografia-analogica-fotografia-digital.pdf.> Acesso em: 30 abr. 2015.
- MUSSE, Cristina Ferraz. Mídia e cidade: A produção de subjetividade nas páginas de um jornal diário de Juiz de Fora. **Anais do I Encontro Regional de Comunicação**. Juiz de Fora: FACOM-UFJF, 2003.

NEWTON, Cesar; PIOVAN, Marcos. **Making off: Revelações sobre o dia a dia da fotografia**. 1ª ed. São Paulo: Futura, 2003.

OLIVEIRA, Rogério Daniel Salgado. **Por trás de um click**. Uma reflexão sobre dois eventos imagéticos: O advento da fotografia e do computador iconográfico. **Dissertação de Mestrado em Educação, arte e história da cultura**. São Paulo, Universidade Presbiteriana de Mackenzie, 2009.

PATRÍCIO, Djalma José. O uso de materiais analógicos para o aprendizado da tecnologia digital na fotografia. **Discursos Fotográficos**, Londrina: v. 7. Revista acadêmica da Universidade Regional de Blumenau (SC). 2011, p. 57-76.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica e Filosofia**. Ed. 9. São Paulo: Cultrix, 1993.

PEIXOTO, Melo João; JÚNIOR, Afonso José. **Produção e pós-produção no fotojornalismo contemporâneo**. Pernambuco [2006]. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt/pag/peixoto-junior-producao-e-pos-producao-no-fotojornalismo.pdf> Acesso em: 2 mai. 2015.

PICADO, Benjamin. Olhar testemunhal e representação da ação na fotografia. Brasília: **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, [2009]. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/ecompos/article/viewFile/41/41>> Acesso em: 5 mai. 2015.

PREUSS, Júlio. **Fotografia Digital: da compra da câmara à impressão das fotos**. São Paulo: Axcel Books, 2003.

RIBEIRO, Antônio. As fotografias. **Jornal Cultura** [2013]. <<http://www.publico.pt/opiniaopolitica-cultural/jornal/as-fotografias-26931709>> Acesso em 22 mai. 2015.

SANTAELLA, Lúcia. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SAUSSURE, Ferdinand. **Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.

SAUSSURE, Ferdinand. **Natureza do signo linguístico**. In: Curso de linguística geral. Charles Bally e Albert Sechehaye (Orgs.). São Paulo: Cultrix, 1970, p. 79-84.

SILVA, Gilmar R. **Novos Jornalistas: para entender o jornalismo hoje**. São Paulo: Creative Commons, 2010. Disponível em: <http://issuu.com/gilmar_silva/docs/ebook_novos_jornalistas> Acesso em 12 abri. 2015.

SILVA, Júnior. Permanência e desvio no fotojornalismo em tempo de convergência digital: elementos para uma discussão preliminar. In: anais **do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Natal, 2008.

SONTAG, Susan. **Sobre a fotografia**. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras. 2004.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: Introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma História Crítica do Fotojornalismo Ocidental**. Florianópolis: Grifos, 2000.

SOUZA, Daniel Rodrigues. A manipulação fotográfica como processo de representação do real. **In: Anais da Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação (BOCC)**. [2009] Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/souza-daniel-a-fotografia-enquanto-representacao-do-real.pdf>> Acesso em: 10 jun. 2015.

TALBOT, William Henry. **História da fotografia**. [2013]. Disponível em: <www.jbfotoblog.com/2013/05/historia-da-fotografia-william-henry.html> Acesso em: 22 mar. 2015.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA ELÉTRICA E ELETRÔNICA – ABINEE. Vendas de tablets crescem 164% no primeiro trimestre de 2013. Disponível em: <www.abinee.org.br/noticias/com233.htm> Acesso em 18 jun. 2015.